

1

BAIRROS
AMIGÁVEIS
À PRIMEIRA
INFÂNCIA



ESTRUTURAÇÃO
DE POLÍTICAS
PÚBLICAS



Bernard
van Leer
FOUNDATION



INSTITUTO DE
ARQUITETOS
DO BRASIL

1

ESTRUTURAÇÃO DE
POLÍTICAS PÚBLICAS

2

MANUAL DE
POLÍTICAS PÚBLICAS

**BAIRROS
AMIGÁVEIS
À PRIMEIRA
INFÂNCIA**

3

DIRETRIZES PARA
DESENHO URBANO

4

INDICADORES PARA
MONITORAMENTO



Fundado em 1921, o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) é uma entidade de livre associação de arquitetos e urbanistas que se dedica a temas de interesse da profissão, da cultura arquitetônica e de suas relações com a sociedade. É a mais antiga instituição na área de arquitetura e urbanismo no Brasil, tendo contribuído historicamente para a formulação dos capítulos da política urbana expressos na Constituição Federal.

Entre as bandeiras que defende, está a garantia irrestrita do direito à cidade, incluindo a construção de territórios inclusivos para crianças e jovens, e garantindo sua escuta, sua participação e seu reconhecimento como cidadãos. Para efetivar essas ações em políticas públicas, o IAB promove debates com a sociedade civil e com gestores de diferentes setores, investe na produção de conteúdos, e conta com uma rede qualificada de arquitetos e urbanistas que se capilariza nos departamentos estaduais do instituto em todos os estados do Brasil.



Na Fundação Bernard van Leer nós acreditamos que dar a todas as crianças um bom começo na vida é tanto a coisa certa a fazer, quanto a melhor forma de construir sociedades saudáveis, prósperas e criativas. Somos uma fundação privada que busca desenvolver e compartilhar o conhecimento de experiências que funcionam no desenvolvimento da primeira infância. Fornecemos apoio financeiro e expertise para parceiros de governos, sociedade civil e privada para ajudar no teste e ampliação de serviços que efetivamente melhorem a vida de crianças mais novas e suas famílias.

Nos últimos 50 anos, investimos mais de meio bilhão de dólares e trabalhamos em todas as regiões do planeta. Nossas parcerias notificaram as políticas públicas em mais de 25 países, levaram a inovações na prestação de serviços e treinamento, amplamente adotados por governos e organizações sem fins lucrativos, e geraram ideias revolucionárias que mudaram a maneira como as partes interessadas, dos pais aos formuladores de políticas, pensam sobre os primeiros anos de uma criança.

UM BOM COMEÇO PARA TODAS AS CRIANÇAS

Fundação Bernard van Leer

Se você mudar o começo da história de uma criança, poderá transformar positivamente sua trajetória de vida e o final de sua história.

Pesquisadores, cientistas, psicólogos, especialistas em saúde pública e economistas concordam: bebês e crianças na primeira infância (entre 0 e 6 anos) são os melhores aprendizes do planeta. Durante os primeiros seis anos de vida, seus cérebros se desenvolvem mais rapidamente do que em qualquer outra época, e as experiências vivenciadas têm um impacto profundo e duradouro sobre sua saúde física e mental, sobre sua capacidade de aprender e de se relacionar com os outros.

Para que uma criança cresça, ela precisa de uma boa nutrição e bons cuidados médicos, proteção contra danos, oportunidades de brincar e interações amorosas com adultos. As crianças precisam de cidades com espaços seguros e saudáveis, onde serviços essenciais são de fácil acesso. Cidades que permitam interações afetuosas frequentes e responsivas com adultos carinhosos, e que ofereçam um entorno seguro e fisicamente motivador para brincar e explorar. Estes são os alicerces de um bom começo de vida, e têm sido a missão da Fundação Bernard van Leer há mais de 50 anos.

Intervenções na primeira infância são uma prioridade porque centenas de milhões de crianças ao redor do mundo não têm acesso a um bom começo de vida, o que impede que alcancem seu potencial.

Atualmente, mais de um bilhão de crianças moram em cidades. As cidades representam uma oportunidade única para ajudar bebês e suas famílias a prosperar. Como podemos garantir que ofereçam mais oportunidades de lugares seguros, saudáveis e interessantes – com possibilidades de aprendizagem, interação, criação, imaginação, diversão e crescimento – em todos os bairros, alcançando o maior número possível de famílias?

Uma cidade que conta com planejamento e design urbano que incorpora as necessidades de bebês e crianças

na primeira infância e de seus cuidadores, as ajuda a se desenvolver e a ficar mais saudáveis, e empodera seus cuidadores. Tendo isso em mente, a Fundação Bernard van Leer criou a iniciativa Urban95.

Se você pudesse vivenciar uma cidade a partir de 95 cm – a altura de uma criança de 3 anos – o que mudaria?

Esta é a questão chave que a iniciativa Urban95 procura responder em nome dos bebês, crianças mais novas e cuidadores que raramente têm voz no planejamento, no design e nas políticas urbanas. Nós fazemos isto apoiando gestores públicos, planejadores urbanos e urbanistas a compreender como seu trabalho pode influenciar no desenvolvimento infantil. Também os ajudamos a identificar e a dar escala a estratégias inovadoras que possam melhorar o modo como famílias com crianças na primeira infância vivem, brincam, interagem e se movimentam nas cidades. Tradicionalmente, intervenções na primeira infância têm sido desenvolvidas nas áreas de nutrição, saúde, saneamento básico, educação e assistência social. Com este conjunto de guias para o desenvolvimento de Bairros Amigáveis à Primeira Infância (BAPI), a Fundação Bernard van Leer e o Instituto de Arquitetos do Brasil buscam incluir os primeiros anos de vida dentro do escopo de outros setores que também afetam as primeiras experiências de milhões de crianças mais novas, como o de planejamento e de mobilidade urbana.

Esta publicação faz parte de uma coleção de quatro livros que apresentam diretrizes, orientações técnicas e boas práticas nas áreas de planejamento urbano, mobilidade e espaço público, com foco na primeira infância.

Este material foi inicialmente desenvolvido pelo Ministério da Habitação e Assuntos Urbanos da Índia em parceria com a Fundação Bernard van Leer. A versão brasileira foi traduzida e adaptada para o contexto e realidades do País pelo Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB).

GLOSSÁRIO

- **ADL** Área de Desenvolvimento Local
- **BAPI** Bairro Amigável à Primeira Infância
- **BCC** Bebês, Crianças nos primeiros anos de vida e Cuidadores
- **BID** Banco Interamericano de Desenvolvimento
- **Denatran** Departamento Nacional de Trânsito
- **FBSP** Fórum Brasileiro de Segurança Pública
- **FBVL** Fundação Bernard van Leer
- **IBGE** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- **IEA-USP** Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo
- **Ipea** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
- **Nacto** National Association of City Transportation Officials
- **ODS** Objetivos do Desenvolvimento Sustentável
- **ONU** Organização das Nações Unidas
- **Primeira infância** Crianças entre zero e seis anos completos
- **Unesco** Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
- **UNFPA** Fundo para a População das Nações Unidas
- **Unicef** Fundo das Nações Unidas para a Infância
- **WRI** World Resources Institute

ÍNDICE

- 5 Um bom começo para todas as crianças
- 7 Glossário
- 10 Como utilizar estes guias
- 11 Estruturação dos guias da primeira infância
- 12 Público-alvo dos guias
- 13 Perguntas frequentes
- 16 Prefácio
- 19 Bebês, Crianças nos primeiros anos de vida e Cuidadores (BCC)

- 21 Primeira infância e seus cuidadores**
 - 21 Porque focar na primeira infância
 - 23 A importância das cidades no desenvolvimento da primeira infância

- 29 O bairro**
 - 29 A escala do bairro
 - 30 Bairros no planejamento tradicional

- 33 Desafios atuais para o bem-estar da primeira infância nos bairros**
 - 33 Domínio do automóvel
 - 36 Obstáculos e falta de acessibilidade universal
 - 37 Acesso limitado aos equipamentos e instalações públicas

- 38 Segurança e ameaça de crime pessoal
- 39 Falta de manutenção do espaço urbano
- 40 Embelezamento ao invés de brincadeiras

- 43 Objetivos**
 - 43 Cinco objetivos para um Bairro Amigável à Primeira Infância (BAPI)
 - 44 Seguro
 - 46 Verde e livre
 - 48 Acessível
 - 50 Lúdico
 - 52 Inclusivo
 - 54 Como a pauta das cidades sustentáveis se relaciona com o BAPI?

- 56 Metodologia**
 - 56 Elementos do BAPI

 - 58 Lista de figuras
 - 59 Notas
 - 60 Referências
 - 62 Ficha técnica

COMO UTILIZAR ESTES GUIAS



ESTRUTURAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS



MANUAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS



DIRETRIZES PARA DESENHO URBANO



INDICADORES PARA MONITORAMENTO

As quatro publicações que constituem o conjunto de guias para o desenvolvimento de Bairros Amigáveis à Primeira Infância (BAPIs) oferecem ferramentas e conhecimentos baseados na realidade brasileira para que gestores urbanos e projetistas possam incluir a perspectiva da primeira infância e de seus cuidadores no planejamento, no desenho urbano e na gestão dos bairros.

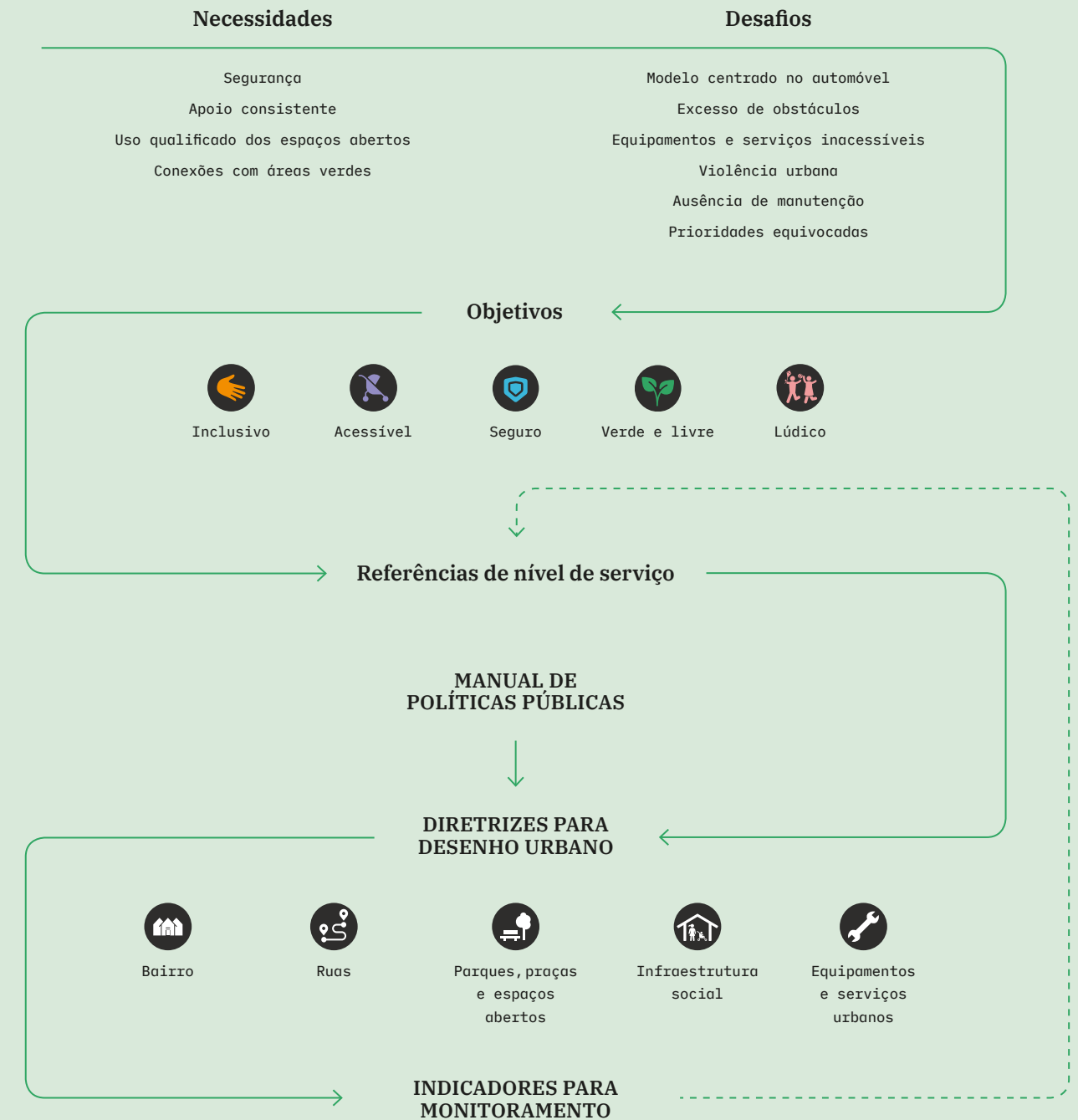
Ao considerar as dinâmicas dos bebês, crianças mais novas e seus cuidadores na cidade, é necessário fazer um diagnóstico dos diversos arranjos, papéis sociais e desafios encontrados. Os desafios mais relevantes para a efetivação do amparo, garantia de direitos e acesso à cidade devem definir os objetivos dos BAPIs. Tais objetivos serão atingidos com projetos e programas que visam a melhorar o nível dos serviços prestados ao cidadão.

Este conjunto de guias para o desenvolvimento dos BAPIs é parte de uma metodologia dinâmica de avaliação, monitoramento e aprimoramento, com linhas de base e metas. O processo de formulação e revisão das políticas públicas é acompanhado de acordo com os marcos regulatórios, documentos e plataformas

referenciais, que resultam em padrões e diretrizes de desenho urbano em constante atualização, estabelecendo resultados desejáveis, formando novos patamares de linha de base e novas metas, em um processo de ciclo contínuo e sinérgico.

O primeiro guia, *Estruturação de políticas públicas*, traz informações sobre a necessidade de considerar os requisitos dos bebês, crianças mais novas e seus cuidadores no plano de um bairro e os objetivos a serem alcançados. O *Manual de políticas públicas* apresenta o cenário normativo no Brasil e as oportunidades daí derivadas na promoção dos BAPIs. O guia *Diretrizes para desenho urbano* mostra como atenuar lacunas e qualificar o espaço urbano para os BAPIs, enquanto o *Indicadores para monitoramento* irá ajudá-lo com os parâmetros, indicadores e metas a serem atingidas. Para se inspirar em projetos reais, a plataforma virtual Arbo.org.br, organizada pelo IAB, reúne boas práticas de desenho urbano, com uma seção voltada à primeira infância que traz exemplos no Brasil e na América Latina atualizados constantemente.

ESTRUTURAÇÃO DOS GUIAS DA PRIMEIRA INFÂNCIA



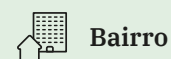
PÚBLICO-ALVO DOS GUIAS

Os guias para o desenvolvimento dos Bairros Amigáveis à Primeira Infância (BAPIs) têm como público-alvo profissionais e instituições associados ao desenvolvimento urbano, especialmente na escala do bairro, tais como: entidades da sociedade civil organizada, associações de bairro, prestadores de serviços sociais e de saúde na escala local da cidade e os gestores do processo de planejamento urbano e projetistas de desenho urbano, isto é, profissionais que atuam no campo do desenho e profissionais que elaboram políticas públicas urbanas.

Neste sentido, os guias fornecem as ferramentas necessárias para a construção de um bairro mais completo onde as famílias possam prosperar de modo saudável. Também fornecem um embasamento conceitual para que os tomadores de decisão, gestores e demais profissionais estejam habilitados a lidar com a linguagem do desenvolvimento infantil, permitindo-lhes estruturar o processo de tomada de decisão com fundamentações sólidas baseadas em evidências locais.

APLICABILIDADE DOS GUIAS

Em qual escala aplicar?



Bairro

Onde aplicar?



Ambiente urbano das cidades

- Cidade existente (formal)
- Territórios de vulnerabilidade social (informais)
- Territórios novos (redesenvolvimento urbano)
- Áreas de expansão urbana (bairros planejados)

Quem deve se interessar?



Agentes locais

- ONGs
- Sociedade civil organizada
- Instituições especializadas
- Associações locais e de bairros
- Gestores públicos
- Profissionais do desenho urbano e de políticas públicas

PERGUNTAS FREQUENTES

Por que focar apenas na primeira infância e em seus cuidadores?

Concentrar-se no bem-estar da primeira infância e de seus cuidadores não exclui outros grupos. Crianças nos primeiros anos de vida e, principalmente, bebês e mulheres grávidas estão entre os grupos mais vulneráveis aos impactos negativos que os sistemas urbanos podem ter na saúde humana, como poluição do ar, poluição sonora e infraestrutura perigosa. Devido à sua maior sensibilidade, os bebês, crianças nos primeiros anos de vida e seus cuidadores são considerados uma espécie indicadora – em outras palavras, se uma cidade fornece ambientes que proporcionam o bem-estar desse grupo, é muito provável que todos os outros habitantes dessa cidade também serão beneficiados.

Por que focar as intervenções de projeto e planejamento para a primeira infância no nível do bairro?

O bairro é onde bebês e crianças nos primeiros anos de vida passam a maior parte do tempo. Os bebês têm uma gama limitada de deslocamentos, decorrente da necessidade de alimentação e sono quase constantes. A partir de dois anos, a criança pode passar mais tempo no espaço público, mas permanece vulnerável e geralmente é mais confortável para os cuidadores ficar perto de casa. Qualquer planejador interessado em promover bem-estar e equidade em suas cidades deve abordar proativamente as limitações de mobilidade que os bebês e

crianças nos primeiros anos de vida e seus cuidadores possuem.

Meu setor não se concentra em crianças. Por que eu me importaria com a primeira infância?

O planejamento voltado à primeira infância pertence a todos os setores de uma instituição municipal. Os quatro guias explicam o quanto importante são as diferentes intervenções – desde faixas de pedestres, drenagem, manutenção de parques e serviços públicos – para o bem-estar da primeira infância e de seus cuidadores. De fato, para que o planejamento relativo à primeira infância seja eficaz, estudos de caso recentes mostram que a colaboração entre departamentos e a integração das questões são essenciais para o sucesso sustentável das intervenções.

Onde posso encontrar mais informações sobre o planejamento voltado à primeira infância?

Existem vários materiais inspiradores para o planejamento voltado à primeira infância disponíveis no site do programa Urban 95 da Fundação Bernard Van Leer. O *FBVL Urban 95 Starter Kit*, por exemplo, está disponível para download e fornece aos governantes, gestores e cidadãos uma série de projetos em várias escalas que demonstraram ter um impacto positivo em bebês, crianças nos primeiros anos de vida e seus cuidadores.



Veja: [Urban 95 Starter Kit](#)

O que é uma cidade amigável à primeira infância?

Muitas cidades estão construídas de forma a receber bem a primeira infância – às vezes sem necessariamente declarar o bem-estar da primeira infância como um dos seus objetivos. Enumeramos algumas das qualidades que compõem um espaço voltado para a primeira infância na seção *Objetivos* deste guia. Em termos gerais, ele deve ser seguro, arborizado e não poluído, disponível a todos que quiserem utilizá-lo, acessível fisicamente e divertido. Quando analisamos casos onde as necessidades da primeira infância estão sendo atendidas, também percebemos que elas ainda estão longe de ser parte sistemática do planejamento urbano. Este conjunto de guias para o desenvolvimento dos BAPIs oferece pela primeira vez orientações abrangentes e integrais sobre como essas considerações devem ser incluídas em todos os níveis da gestão pública, de ações de zeladoria a políticas nacionais.

O projeto também abrange territórios de vulnerabilidade social e periferias?

Sim. Os guias abordam diretamente quatro contextos referentes aos elementos de uma cidade sustentável, são eles: melhoria da cidade (requalificação urbana: intervenções pontuais na cidade existente), renovação da cidade (remodelação urbana: reconstrução de áreas já ocupadas), expansão da cidade (urbanização de áreas novas, bairros planejados) e ações específicas nos territórios de vulnerabilidade social. Para mais detalhes sobre como um bairro é definido, consulte a seção de abertura do guia *Diretrizes para desenho urbano*.

Quantos indicadores de Bairros Amigáveis para a Primeira Infância são propostos nos guias?

São 29 indicadores voltados especificamente para medir o desempenho de um bairro para o bem-estar da primeira infância. O conjunto é dividido em indicadores principais e indicadores de apoio. O guia *Indicadores para monitoramento* inclui um anexo que fornece orientações sobre o conjunto mínimo de dados e de atividades para atingir índices de referência em serviços.

Como os guias ajudarão gestores das cidades e das associações locais?

As informações são apresentadas de maneira útil para os gestores públicos de diversos setores, seja os das áreas de planejamento e inovação urbana, que estão mais inseridos no contexto do planejamento urbano, mas também os gestores de cultura, meio ambiente, educação etc, incentivando uma política intersectorial. Fazer alterações nos bairros é um trabalho meticuloso que exige a adesão de diferentes atores e parceiros para que os resultados sejam transformadores e sustentáveis. Esses guias foram escritos para oferecer tanto as ferramentas quanto a confiança necessária para propor e realizar intervenções voltadas para a primeira infância. Os guias *Manual de políticas públicas* e o *Diretrizes para desenho urbano* serão especialmente úteis na introdução da linguagem sobre o desenvolvimento da primeira infância, assim como dos aspectos relacionados ao bem-estar da criança e da família no que se refere aos fatores ambientais. Sempre que possível, são indicados materiais de referência para direcionar o leitor a outros recursos.

Figura 1 →



PREFÁCIO

POR QUE FOCAR NA PRIMEIRA INFÂNCIA E SEUS CUIDADORES?

A qualidade do ambiente físico no qual uma criança está inserida afeta sua saúde e seu desenvolvimento desde o primeiro dia de vida. Os bebês são muito mais sensíveis aos estímulos ambientais do que os adultos. Elementos potencialmente tóxicos ou agressivos à saúde interferem e perturbam os processos biológicos naturais de modo muito mais severo em crianças do que em um adulto. Para efeito comparativo, uma criança pequena inspira entre 40 e 60 vezes por minuto, com pulmões que ocupam uma enorme proporção de espaço dentro de seus corpos, enquanto um adulto em condições normais inspira cerca de 20 vezes por minuto. Quando elementos tóxicos – como chumbo e material particulado fino – são absorvidos pela corrente sanguínea de uma criança nos seus primeiros mil dias de vida, eles interferem de modo abrupto na capacidade de aprendizado, reduzindo os processos formadores de memória e foco. Essas dificuldades podem rapidamente se transformar em outros distúrbios relativos à saúde mental, como depressão, mesmo em tenra idade¹. A saúde mental e o bem-estar individual e coletivo são elementos básicos para sobrevivência.

Da mesma forma que a mudança climática é um fenômeno injusto, na medida em que seus danos são sentidos predominantemente por pessoas que não tiveram nenhum papel em sua criação, o dano causado à vida das crianças pelas cidades tóxicas é fundamentalmente



↑ Figura 2
Diferenças respiratórias entre adultos e crianças de 0 a 2 anos.



Para assistir à série de vídeos: [The Beginning of Life](#)

injusto. As decisões tomadas sobre o espaço público reverberam em nossas crianças muito antes delas tomarem uma única decisão por conta própria, ou de serem capazes de entender os riscos e reagir para se proteger².

A vulnerabilidade dos bebês e o impacto desses males em seus corpos e mentes deveriam torná-los um grupo de atores prioritários para a política espacial e urbana³. Infelizmente, bebês, crianças mais novas e seus cuidadores não são historicamente considerados atores e nem contemplados nos projetos urbanos. Sua incapacidade de expressar suas necessidades e desejos é uma grande razão para isso – uma criança mais velha, pelo menos, pode nos dizer o que quer da cidade.

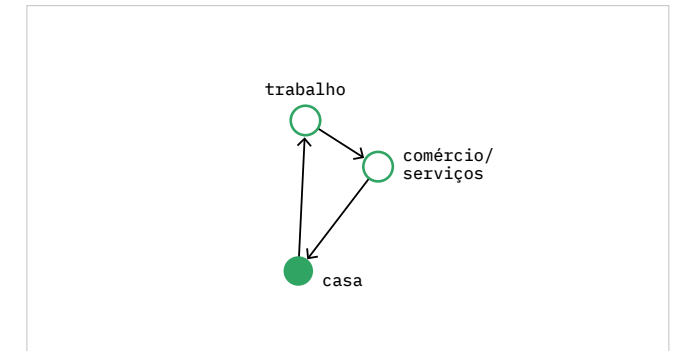
Bebês e crianças durante os primeiros anos de vida passam muito tempo ao

ar livre, como companheiros do trabalho diário de um cuidador, como participantes do tempo de recreação em parques e playgrounds, ou como parte de um número infinito de outros arranjos que os levam ao espaço público diariamente.

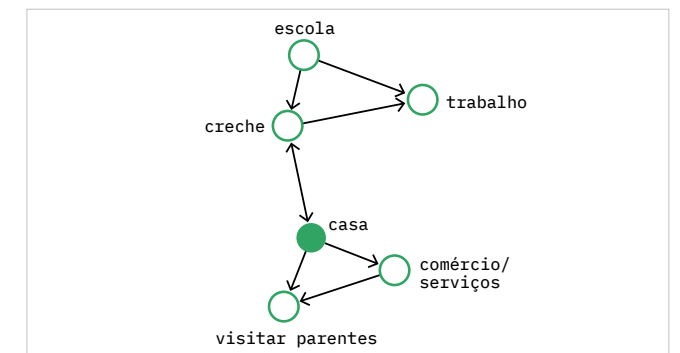
Crianças na primeira infância (0 a 6 anos) na esfera pública são invariavelmente acompanhadas por um cuidador (geralmente do sexo feminino, embora pais em muitos ambientes também assumam essa responsabilidade). Projetar os espaços públicos de modo amigável ao bem-estar de bebês e crianças mais novas requer um desenho que também contemple o bem-estar e a segurança das mulheres. Por isso, ao falar de espaços pensados para a primeira infância, este guia engloba todas as combinações possíveis de bebês e crianças nos primeiros anos de vida, e terá sempre em conta os seus cuidadores, como indivíduos vinculados no espaço público.

Ao projetar para a infância urbana, os planejadores precisam ser sensíveis ao fato de que os cuidadores não se restringem aos limites do lar. É um trabalho que exige uma conexão constante com a cidade – mercados, farmácias, pediatras, postos de vacinação, creches, parques, centros culturais etc –, uma conexão muito maior do que a do trabalhador típico que sai e volta para casa uma vez por dia.

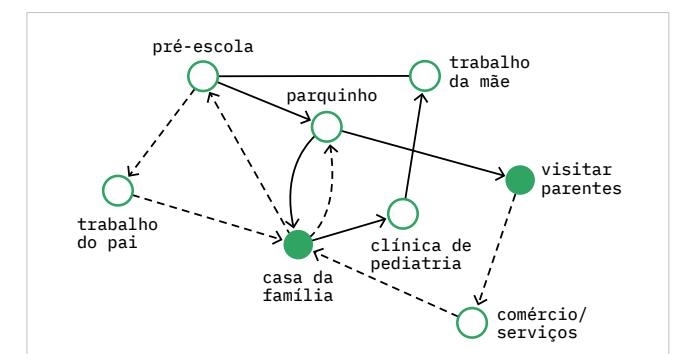
Com todos os perigos impostos pela cidade, pode parecer contraintuitivo que esses guias se concentrem em ajustar os bairros de modo a incentivar as famílias a passar mais tempo ao ar livre, caminhando. Mas essa é precisamente a



↑ Figura 3
Ciclo de mobilidade de uma pessoa que tem como única obrigação a ida ao trabalho.



↑ Figura 4
O ciclo de mobilidade de uma pessoa cujo dia inclui uma combinação de trabalho remunerado, tarefas domésticas e responsabilidade parental.



↑ Figura 5
O ciclo de mobilidade de uma família BCC: vários cuidadores, cada um envolvido em combinações de trabalho remunerado, tarefas domésticas e responsabilidade parental.

abordagem que é urgentemente necessária nas cidades hoje. O alto nível de bem-estar entre as populações é o que torna as regiões competitivas e valorizadas. **De longe, a maneira mais eficiente de melhorar o bem-estar é construir e manter sistematicamente uma infraestrutura saudável de espaços de lazer e serviços localizados próximos às moradias.** É crucial entender que todos os danos que encontramos hoje em nossos bairros são de nossa própria responsabilidade e somos igualmente capazes de saná-los.

É uma questão de tomada de decisão, com um plano de ação claro. **O planejamento urbano está preparado para gerar grandes impactos positivos em nossos bairros a curto, médio e longo prazos.**

Um bairro pode fornecer um mundo rico em imaginação e aventura que alimenta uma vida criativa vibrante. Se houver um bom desenho urbano, um morador do centro de uma cidade, por exemplo, terá chances de conectar as crianças à natureza, permitindo que testemunhem o quão maravilhosos são os ecossistemas, e tornando o cuidado com o planeta um valor que durará pelo resto de suas vidas. Crianças engajadas e curiosas conectarão pais e estranhos em locais públicos onde confiança e familiaridade tecem o senso de comunidade. Ao utilizar este conjunto de guias no planejamento e na implantação de projetos e programas, as mudanças necessárias irão acontecer, levando famílias e crianças em seus primeiros anos de vida ao espaço público.



↑ Figura 6

De longe, a maneira mais eficiente de melhorar o bem-estar é construir e manter sistematicamente uma infraestrutura saudável de serviços próxima às moradias.

BEBÊS, CRIANÇAS NOS PRIMEIROS ANOS DE VIDA E CUIDADORES (BCC)

O termo Bebês, Crianças nos primeiros anos de vida e Cuidadores (BCC) abrange uma variedade de combinações entre faixas etárias e gênero, e se refere a um agrupamento de pelo menos duas pessoas, a mais nova das quais com até seis anos de idade.

Ao considerar as dinâmicas dos BCCs na cidade e seus fluxos, é necessário fazer um diagnóstico dos diversos arranjos, papéis sociais e desafios comuns enfrentados. Os desafios mais relevantes para a efetivação do amparo, garantia de direitos e acesso à cidade devem definir os objetivos dos Bairros Amigáveis à Primeira Infância. Tais objetivos serão atingidos com projetos e programas que visam a melhorar o nível de serviço prestado ao cidadão.

Este conjunto de guias para o desenvolvimento dos Bairros Amigáveis à Primeira Infância é parte de uma metodologia dinâmica de avaliação, monitoramento e aprimoramento, com linhas de base e metas. O processo de formulação e revisão das políticas públicas é acompanhado de acordo com os marcos regulatórios, documentos e plataformas referenciais, que resultam em padrões e diretrizes de desenho urbano em constante melhoria e atualização, estabelecendo resultados desejáveis, formando novos patamares de linha de base e novas metas, em um processo de ciclo contínuo e sinérgico.



↑ Figura 7

O termo BCC contempla o grupo formado por bebês e crianças de até 3 anos, que denominamos primeiríssima infância, crianças de 3 a 6 anos e cuidadores que podem ser os pais, avós, irmãos mais velhos ou pessoas que auxiliam no cuidar cotidiano. As fotos ilustram diferentes situações, como criança de até 6 anos acompanhada pelos pais na foto superior e crianças menores sendo cuidadas pela irmã mais velha, na foto inferior.

Primeira infância e seus cuidadores

O bairro é o lugar onde gerações de crianças crescem e se desenvolvem. Este capítulo contextualiza o porquê do foco na primeira infância, em seus cuidadores e em suas relações com o bairro, conectando a relevância do bairro como uma unidade de planejamento dentro do conceito de cidade sustentável. A visão para um Bairro Amigável à Primeira Infância (BAPI) é aqui condensada em cinco tópicos, sempre trazendo os objetivos críticos dessa abordagem.

↪ 3,7% da população global está no Brasil⁴

↪ 6,1% da população brasileira tem de 0 a 4 anos⁴

↪ Focar o planejamento urbano nas necessidades da primeira infância e de seus cuidadores impacta positivamente nas metas de sustentabilidade, inclusão social, saúde e segurança da cidade.

PORQUE FOCAR NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Com a sexta maior população mundial, com aproximadamente 211 milhões de habitantes, o Brasil tem forte destaque em suas estruturas urbana e rural. A população de crianças de até 9 anos, estimada em 2020 pelo IBGE, é de 28 milhões – sendo 13 milhões o número estimado de crianças de até 4 anos⁴.

A construção e a consolidação das cidades brasileiras priorizou tradicionalmente os processos econômicos e ainda é, muitas vezes, determinada em função e para a acumulação de capital, em detrimento de muitos outros parâmetros de urbanidade. A movimentação irrestrita de pessoas e de mercadorias nas cidades sustentou a busca unidimensional por um crescimento econômico nacional. Mulheres, crianças, trabalho doméstico, aprendizado, brincadeiras e lazer não são itens incluídos na geração do Produto Interno Bruto (PIB). Por isso, as necessidades de uma criança com menos de seis anos podem ser vistas como objetivos em desacordo com esse tipo de desenvolvimento urbano, à primeira vista.

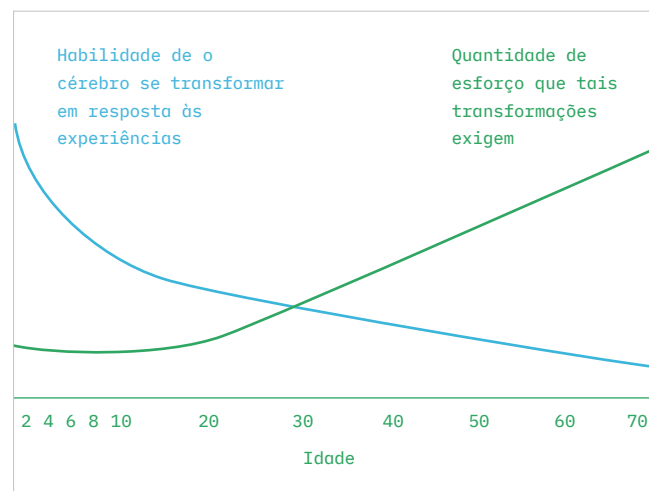
É preciso levar em conta, no entanto, que o investimento na primeira infância reflete-se no desenvolvimento econômico de um país. É necessário oferecer as oportunidades para que as crianças desenvolvam suas capacidades de modo integral – começando pela primeira infância, os anos mais críticos de uma pessoa – e possam participar do crescimento econômico e da vida cultural futuros do Brasil. Este é, sem dúvidas, o melhor



investimento para um futuro mais sustentável, e esta narrativa precisa se tornar pauta nacional. Apenas reduzir a taxa de mortalidade infantil não é suficiente para o desenvolvimento real e concreto de um país. Para que o Brasil tenha um futuro promissor, é essencial que reconheça o valor da primeira infância com ações e uma política pública que permitam o pleno desenvolvimento das crianças.

As crianças com menos de seis anos acessam seu ambiente físico na interação com seus cuidadores, que no contexto brasileiro geralmente são mulheres (incluindo irmãs ou irmãos mais velhos, avós, babás, além das mães). O grupo dos bebês, crianças mais novas e seus cuidadores (BCCs) usa o espaço público de uma cidade todos os dias – suas ruas, calçadas, praças e parques – mais do que qualquer outro. Ao mesmo tempo, são um dos grupos mais vulneráveis da sociedade, e sua mobilidade diária requer segurança, conforto e curto raio de deslocamento. No entanto, suas necessidades são frequentemente ignoradas pelos planejadores e urbanistas.

A partir do olhar de uma criança de três anos com 95 cm altura, a vista de uma rua consiste principalmente de pneus e escapamentos de veículos. Esta não é a visão adulta. Para crianças nos primeiros anos de vida, o mundo é experimentado de maneira fundamentalmente diferente, o que parece óbvio quando apontado e, no entanto, não é considerado em nenhum dos padrões, ferramentas ou conhecimento comum entre arquitetos e planejadores urbanos.



↑ Figura 8
Pat Levitt/Centro de Desenvolvimento da Criança, Universidade de Harvard

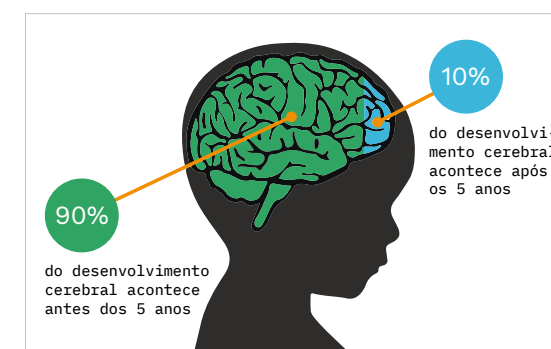
↪ *BCCs – bebês, crianças mais novas e seus cuidadores (principalmente mulheres) – formam um dos grupos mais vulneráveis da sociedade.*

↪ *Bebês, crianças mais novas e seus cuidadores utilizam o espaço público de uma cidade mais do que qualquer outro grupo. No entanto, suas necessidades são frequentemente ignoradas pelos planejadores e arquitetos.*

A IMPORTÂNCIA DAS CIDADES NO DESENVOLVIMENTO DA PRIMEIRA INFÂNCIA

O bebê humano é um dos poucos mamíferos em que o desenvolvimento físico e cerebral ocorre principalmente fora do útero. Do ponto de vista evolutivo, isso garante que a criança se adapte ao ambiente físico e emocional em que nasceu para garantir sua sobrevivência. Esse desenvolvimento é mais intenso nos primeiros mil dias, diminuindo gradativamente até a criança completar seis anos, continuando a se desenvolver posteriormente, mas em um ritmo muito mais lento.

A primeira infância é a fase da vida em que padrões se associam ao comportamento, e as conexões cerebrais usadas com mais frequência tornam-se os caminhos acessados mais rapidamente. Um bebê criado no escuro perderá as células da retina que detectam cores, mesmo que tenha nascido com visão normal. Estudos em crianças que sofreram negligência grave demonstram a importância dos primeiros anos em termos mais drásticos. Os efeitos da poluição do ar e do saneamento precário são mais graves nas crianças nos primeiros mil dias de suas vidas.



↑ Figura 9

MOTIVAÇÕES PARA CRIAR POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O BAPI

- 1 **Sensação de segurança: da criança e de seu cuidador**
- 2 **Ambientes de cooperação**
- 3 **Frequentar espaços ao ar livre regularmente**
- 4 **Crianças precisam do verde**

↪ *As conexões sinápticas ricas entre neurônios no cérebro de uma criança são criadas no útero e se desenvolvem mais intensamente nos primeiros mil dias de vida. Quando uma criança é privada de interação e estímulo, o crescimento de seus neurônios é radicalmente afetado.*

1. SENSAÇÃO DE SEGURANÇA: DA CRIANÇA E DE SEU CUIDADOR

A segurança física de mulheres e a de crianças andam de mãos dadas. É pela observação da expressão facial e corporal de seus cuidadores (que são, muitas vezes, mulheres) que as crianças na primeira infância recebem indícios se lhes é permitido explorar, provar ou tocar em algo. Identificar ansiedade ou tensão em seu cuidador é um grande sinal de alerta para uma criança.

Nossas cidades são, e também são percebidas, como inseguras para mulheres e para outros cuidadores⁵. Elementos de estresse do ambiente construído, como buzinas barulhentas, veículos em alta velocidade, falta de condições adequadas para pedestres, contribuem para a ansiedade dos cuidadores. A violência de gênero, feminicídios e diversos outros crimes relacionados contra mulheres aumentam a percepção de que a cidade não é segura para elas. Essa exclusão

↪ *A ameaça de dano físico tem um enorme impacto emocional sobre as mulheres e as crianças sob seus cuidados. Isso leva à ansiedade, respostas reduzidas do sistema imunológico e, em crianças, a uma capacidade reduzida de explorar e aprender.*



↑ Figura 10

baseada no medo limita seu acesso e sua mobilidade pela cidade.

Não é incomum encontrar parques e espaços abertos, principalmente nas pequenas e médias cidades brasileiras, ocupados majoritariamente por homens e jovens e menos por mulheres e crianças mais novas. Uma mulher com uma criança costuma ficar mais ansiosa quando precisa se deslocar na cidade do que se estivesse sozinha ou se ficasse em casa.

A sensação do ambiente ser concretamente inseguro (especialmente quando essa preocupação com a segurança é transmitida pelos cuidadores) leva a um aumento do estado de alerta e hipervigilância. Essa ansiedade, quando sustentada por um certo período de tempo, leva a uma alteração significativa do hormônio cortisol no corpo. Este fato está diretamente relacionado à redução das respostas do sistema imunológico e à capacidade reduzida de explorar e aprender. Também está associado à hiperatividade e a outras respostas de ansiedade em crianças na primeira infância⁶.



↑ Figura 11

↪ *Os eventos de vida mais significativos para crianças nos primeiros anos de vida são atividades comuns que acontecem diária e repetidamente.*

2. AMBIENTES DE COOPERAÇÃO

Não são apenas a comida e a limpeza que mantêm os bebês humanos vivos, mas também a qualidade de sua interação com os outros. A diferença entre sobrevivência e prosperidade é baseada no ambiente criado pelo cuidador e no ambiente físico construído.

Os eventos mais significativos na vida de crianças nos primeiros anos de vida são aqueles que ocorrem diariamente e repetidamente, da maneira mais comum. Por exemplo, com o que e como eles são alimentados, a higiene diária, a qualidade do ar que respiram e a água que bebem, o que, como e com quem brincam.

Interações responsivas, divertidas, significativas e tranquilas com seus cuidadores, e com segurança perceptiva, são oportunidades para explorar suas capacidades e seus arredores. As interações diárias e frequentes, que ocorrem no lar e nas imediações com as pessoas do convívio do bebê, garantem o desenvolvimento de uma função cognitiva aprimorada, uma sensação de segurança em relacionamentos futuros e um senso de domínio em relação ao ambiente físico⁷.



↑ Figura 12

↪ *“A exploração lúdica contribui para a desenvoltura das crianças.”*

Stead e Kelly (2015)

↪ *“Brincar em ambientes externos pode contribuir positivamente para o bem-estar entre diferentes grupos etários e de origens socioeconômicas.”*

Stead e Kelly (2015) *The Routledge Handbook of Planning for Health and Well-Being* (2015)

3. FREQUENTAR ESPAÇOS AO AR LIVRE REGULARMENTE

Para as crianças de até seis anos, tudo é uma oportunidade de aprender, principalmente com o uso de seus corpos para caminhar, equilibrar-se, correr, pular, escalar, rolar ou cair. Isso ajuda as crianças a aprender a usar a força, identificar os limites de suas capacidades e os riscos que precisam correr. Crianças durante os primeiros anos de vida são facilmente estimuladas e sobrecarregadas e, portanto, precisam de pequenas doses de acontecimentos emocionantes para ver, tocar e ouvir. Precisamos integrar a brincadeira ao ar livre no fluxo da vida urbana, ou seja, em suas atividades diárias comuns e não apenas como um evento especial, como um passeio planejado a um parquinho.

Ser exposto repetidamente à natureza é benéfico na redução do estresse tanto em adultos⁹ quanto em crianças⁹ e melhor ainda para a saúde mental geral de uma população¹⁰, com os efeitos mais significativos nas crianças mais novas. O reconhecimento da importância do brincar ao ar livre e da imersão na natureza para o desenvolvimento holístico da criança remonta ao início da educação infantil. Friedrich Froebel, o influente estudioso alemão do século 19 que cunhou o termo jardim de infância, enfatizou o papel do jardim e a importância da natureza no desenvolvimento infantil¹¹.

Segurança não precisa significar restrição, mas as cidades impõem limites máximos às crianças nos primeiros anos de vida para evitar danos. As preocupações de segurança, aplicadas mesmo em playgrounds, resultaram em espaços tediosos¹² e, portanto, subutilizados. Existem muitas organizações em todo o mundo que estão redesenhando playgrounds para que as crianças se sintam mais atraídas e se tornem mais aventureiras.



↑ Figura 13

4. CRIANÇAS PRECISAM DO VERDE

Além dos passeios eventuais a bosques ou parques locais, as crianças se desenvolvem com mais qualidade quando estão em contato cotidiano com a natureza e com ambientes naturais. Constatou-se que a exposição constante à natureza traz imensos benefícios positivos para a saúde das crianças, desde sua vida intrauterina.

O contato com a natureza, ao lado de seus cuidadores, estabelece calma e um ritmo lento de estímulo que não estressa os sentidos dos bebês. Crianças entre dois e seis anos se beneficiam com o contato com a natureza, como uma forma de aprimorar seu senso de compreensão do próprio corpo e de criar um senso de capacidade e autoconfiança, além de estimular sua imaginação nas brincadeiras ao ar livre, sem a necessidade de brinquedos e equipamentos.



Para mais detalhes, ver:

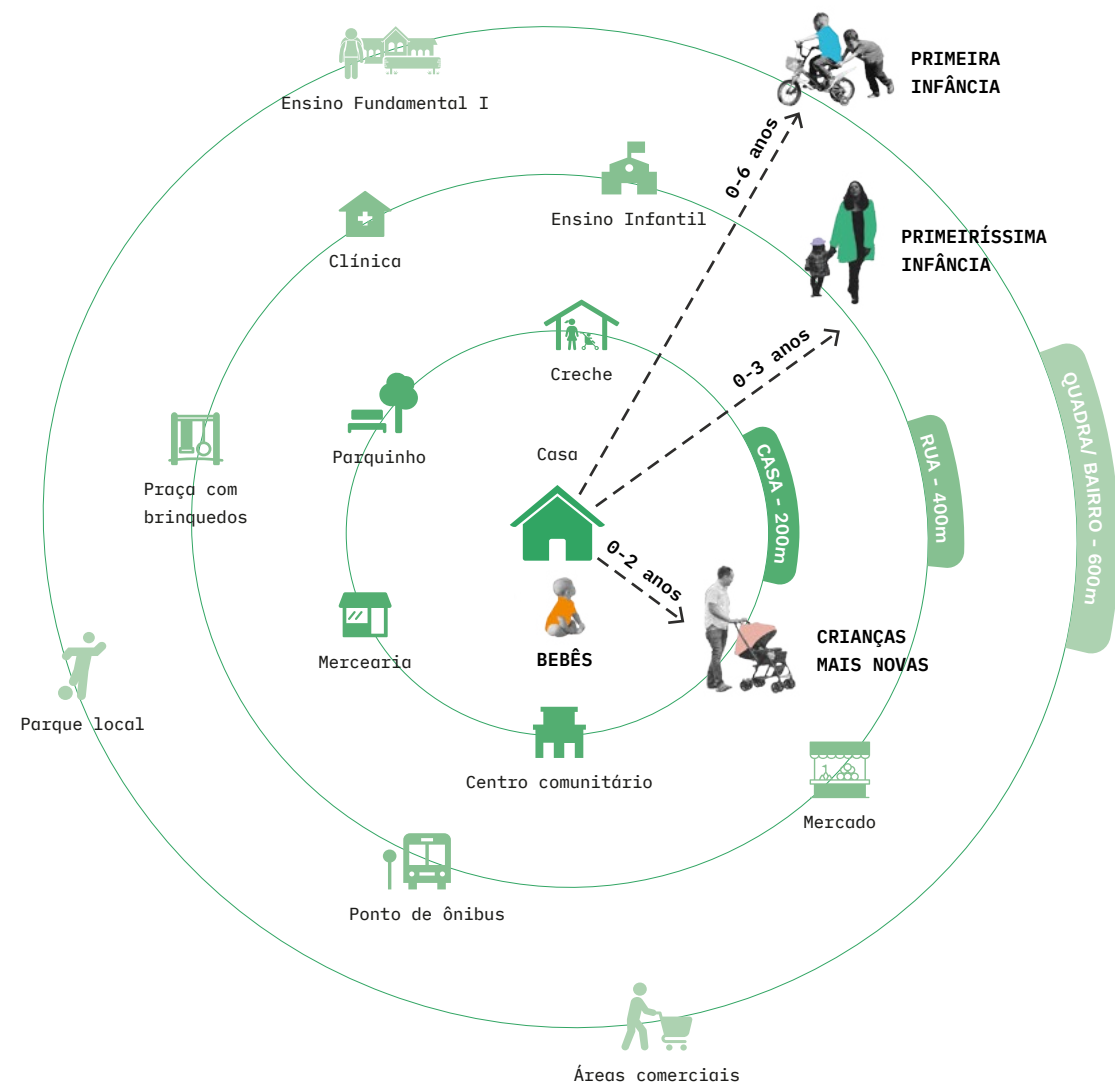
[Environmental interventions for healthy development of young children in the outdoors](#)

[How cities use parks to help children learn](#)

Nos primeiros anos de vida, bem como quando mais velhas, as crianças precisam se sentir livres para usar sua imaginação e brincar com materiais naturais. Ambientes com uma variedade de texturas que possam explorar – árvores para escalar, folhas secas para pisar, pedras para construir estruturas imaginárias – são os elementos mais benéficos para o cérebro em crescimento, tanto estrutural quanto emocionalmente. Verificou-se repetidamente que espaços verdes reduzem o estresse em crianças e adultos e também melhoram sua saúde mental¹³.

↪ *“Árvores e vegetação urbanas ajudam a diminuir o estresse e o comportamento agressivo nas cidades, além de terem sido associados à redução do crime”.*

Guia global de desenho de ruas – Nacto



Este diagrama mostra a hierarquia, a diversidade e o acesso de serviços e equipamentos para crianças de acordo com sua mobilidade e idade. Os mundos em expansão progressiva das crianças com menos de seis anos: a casa, a rua, a quadra e o bairro. A capacidade de locomoção de crianças muito novas, de forma independente ou com cuidadores em carrinhos ou bicicletas, é limitada a serviços e equipamentos a menos de um quilômetro de distância de suas casas.

O bairro

Quando uma criança cresce, seu alcance na cidade aumenta em estágios. No início da infância, o lar forma o centro de mundo da criança. Isso se expande para a rua, depois para o bairro e, finalmente, para a cidade.



Caminhabilidade da criança¹⁵

É a distância que uma criança percorre a pé na cidade, de forma curiosa e distraída, no tempo de 10 a 20 minutos.



Teste do picolé

O sucesso de um bairro é determinado se uma criança pequena pode caminhar até uma loja, comprar um picolé e voltar para casa antes que ele derreta.



Área de jogo^{16 17}

A 300 metros de cada residência, deve haver um espaço projetado de encontro ou de brincadeira, como um playground.

← Figura 14

Distância dos equipamentos urbanos em relação ao desenvolvimento físico da criança.

Para crianças muito novas, a vida é vivida em pequena escala. O foco de seu mundo são as ruas e os espaços em frente a suas casas e as instalações imediatas em torno de seu lar, como praças, postos de saúde, mercadinho e escolas, que podem ser acessadas de forma independente e fácil. Estudos realizados mundialmente analisaram o acesso a serviços e a equipamentos públicos sob a perspectiva de crianças mais novas, e esse acesso varia de acordo com a necessidade e a idade de uma criança (ver Figura 14).

“A probabilidade de uma criança usar um equipamento diminui se o local estiver a mais de 800 metros de sua casa”¹⁴. Considerando o raio de acesso para uma criança mais nova de, no máximo, um quilômetro de um ponto a outro, podemos definir que, idealmente, todas as instalações, serviços e comodidades devem estar em uma área de aproximadamente 0,6 a 0,8 quilômetros quadrados das crianças mais novas e seus cuidadores.

O bairro, nesse contexto, torna-se o modelo ideal para planejar e implantar a mudança em nossos ambientes construídos para atender aos BCCs e, portanto, constitui o foco principal deste estudo. Ao qualificarmos o bairro de famílias com crianças mais novas, criamos um modelo para replicar na cidade inteira.

BAIROS NO PLANEJAMENTO TRADICIONAL

Provavelmente a ideia mais próxima de um BAPI na imaginação popular seja o modelo do subúrbio norte-americano, extensivamente replicado em diversas cidades do mundo desde a década de 1960, inclusive no Brasil no formato dos condomínios fechados.

Este modelo de bairro monofuncional de baixa densidade – formado apenas por moradia, essencialmente casas com jardins – oferece especificamente às famílias de alta renda uma forte conexão com a natureza, ar fresco, senso de comunidade e mais tranquilidade para criar os filhos. Todos esses aspectos são considerados centrais para a abordagem dos BAPIs. Mas, apesar do controle climático e de segurança desse modelo, essa tipologia habitacional é fundamentalmente anti-urbana, com excessiva setorização de funções: espaços de residências são separados dos espaços de comércio, serviços e lazer. Esses bairros, assim, são intencionalmente não caminháveis para quaisquer necessidades da vida diária. Serviços, comércio, trabalho, escola ficam em zonas separadas e distantes, o que leva à total dependência do automóvel para a locomoção e seu protagonismo frente ao transporte coletivo.

No Brasil, a partir das grandes migrações do campo para a cidade nos anos de 1960 e do processo acelerado de urbanização no século 20, os bairros existentes e os planejados passaram a ser insuficientes para abrigar o aumento vertiginoso da população urbana. A falta de políticas públicas habitacionais efetivas aliadas a um planejamento urbano ineficaz fez com que áreas das cidades fossem ocupadas sem planejamento, tornando-se territórios com ampla vulnerabilidade social.

Figura 15 → Bairros da Consolação e República (São Paulo) são densos para o padrão brasileiro, com bons equipamentos públicos e acesso ao transporte público, mas os espaços livres são muito distantes entre si e, apesar da boa presença de pedestres nas ruas, as calçadas são pouco qualificadas e com frequentes interrupções e desníveis.



Este processo trouxe ainda a grande carência de espaços públicos de qualidade nas cidades, que incentivem a construção de relacionamentos locais. Escolas, equipamentos comunitários ou de lazer geralmente não se encontram em um raio de distância caminhável em relação às necessidades diárias de seus usuários. A ausência de bairros completos em nossas cidades – centralidades urbanas com usos diversos dotados dos equipamentos sociais – é agravada com a oferta ineficiente de transporte público, fazendo com que a população passe muito tempo em deslocamentos diários.

Nenhum dos dois modelos citados acima respondem às necessidades dos moradores, principalmente dos BCCs, tampouco são modelos sustentáveis. Um dos desafios do urbanismo contemporâneo brasileiro é justamente entender as necessidades e demandas legais

urbanas e construir com elas uma cidade mais qualificada que atenda equitativamente seus residentes. O objetivo é possibilitar uma gradativa transformação urbana que ofereça bairros completos: centralidades compactas e multifuncionais conectadas por redes eficientes de transporte público e redes de caminhabilidade, onde os bairros ganhem urbanidade.

O urbanismo social¹⁸, uma das práticas contemporâneas que tem se destacado no combate às profundas disparidades urbanas sociais e econômicas, traz também processos incrementais de transformação do território. Converte esforços para que a participação social, a reunião dos agentes interessados e o poder público fortalecido e proativo promovam uma cidade mais compacta, justa, igualitária e sustentável. Essa colaboração advinda do arranjo entre organizações da sociedade civil, população e agentes transformadores do espaço urbano, também responde aos objetivos dos Bairros Amigáveis à Primeira Infância.

Nesse sentido, a estruturação de redes locais e a atenção ao planejamento no nível de bairro têm se mostrado ferramentas importantes para constituir territórios mais justos, onde o protagonismo da esfera local garante mais vitalidade urbana.

Um bairro que tenha diversidade de usos – diferentes tipos de edificações e para diversas necessidades, como serviços, escritórios, comércio, lazer, saúde etc, incluindo uma mesma edificação com mais de um tipo de uso – permite que os moradores não precisem cruzar longas distâncias para utilizar serviços fora do bairro e incentiva o fortalecimento das raízes locais. Ao mesmo tempo, a legislação de parcelamento, uso e ocupação do solo (zoneamento urbano) deve incentivar a pluralidade cultural, social e econômica no bairro, com moradores de diferentes rendas, e garantir o acesso ao desenvolvimento para todos os cidadãos.

Figura 16 → O bairro Savassi (Belo Horizonte) tem boa arborização viária e elevado nível de caminhabilidade, combinando a diversidade de usos e serviços com a facilidade do transporte público e boa vitalidade urbana.



↪ *A ausência de escolas, serviços de saúde, comércios e oportunidades de trabalho perto da moradia encoraja um estilo de vida no qual é preciso se deslocar grandes distâncias para atender às necessidades básicas. Isso diminui ainda mais a ligação com o local.*

- 1 O desenvolvimento do bairro é centrado no transporte motorizado individual.
- 2 Isso faz com que o caminho dos pedestres fique cheio de obstáculos, trazendo insegurança ao se locomover nos bairros.
- 3 Frequentemente, o acesso a espaços públicos é dificultado por sua deterioração, que leva à sensação de insegurança.
- 4 A ameaça de crimes – e a sensação de insegurança – está sempre presente, e as mulheres sentem isso de forma constante.
- 5 Há pouca manutenção e zeladoria, tanto nas calçadas quanto nos equipamentos públicos.
- 6 Quando há investimento público, muitas vezes há prioridades equivocadas, como o embelezamento temporário em vez da melhoria dos espaços verdes.



Desafios atuais para o bem-estar da primeira infância nos bairros

Os desafios que afetam os bairros das cidades brasileiras podem ser globais, existentes em todo o mundo – como evitar o foco no automóvel e incentivar a escala humana –, mas também podem ser específicos do contexto brasileiro, como a superação da desigualdade social e o investimento em manutenção e zeladoria dos espaços urbanos.

← Figura 17
Os principais riscos para a saúde dos BCCs são parte de um ciclo vicioso de atitudes em relação ao espaço público que muitas vezes começam com o carro.

1. DOMÍNIO DO AUTOMÓVEL

A predominância do transporte individual motorizado nas cidades brasileiras afeta diretamente a vida nos bairros. Os constantes congestionamentos nas principais vias fazem com que, muitas vezes, haja um desvio pelas ruas mais internas dos bairros, usadas como rotas alternativas, com carros passando pelas ruas residenciais em alta velocidade, levando a problemas de segurança viária, poluição sonora e criando um obstáculo perigoso para pedestres. Eventuais elementos redutores de velocidade, instalados posteriormente por solicitação de moradores locais, mostram-se insuficientes para resolver o problema.

Os espaços no entorno das casas são movimentados, e a predominância de carros nesses espaços é uma das principais razões pelas quais mães, pais e cuidadores não deixam as crianças se deslocarem e se movimentarem na cidade de forma independente. As portas devem ser mantidas bem fechadas, e as crianças ficam em espaços internos para evitar potenciais danos. O desejo natural das crianças de explorar fica restrito ao espaço residencial. Nos bairros mais ricos, até um passeio ao parque local é realizado de carro, pois não há caminhos amigáveis e as ruas não são consideradas seguras. Em bairros mais vulneráveis, as crianças andam em ruas inseguras, o que leva a um número elevado de acidentes e mortes no trânsito.

O grande aumento no número de carros circulando nas cidades brasileiras

nas últimas décadas tem sido responsável por boa parte dos impactos negativos no meio urbano, tanto sob o ponto de vista ambiental quanto ao que se refere ao uso do espaço nas cidades. Carros estacionados nas ruas tornam-se obstáculos constantes nas mais diversas situações de travessia das ruas, dificultando a passagem da rua para a calçada e vice-versa, além disso, comprometem áreas que poderiam receber tratamento lúdico, diminuem acessos a parques, impedem estratégias de alargamentos de calçada e de demais espaços abertos. Uma abordagem centrada no carro favorece apenas uma pequena porcentagem da população e para uso por um curto período de tempo. Crianças não dirigem carros!

↪ *A alta predominância de carros no entorno das casas é um dos principais motivos de pais, mães e cuidadores não deixarem mais as crianças se moverem de forma independente.*



← Figura 18
A presença maciça do automóvel ainda domina o espaço público das cidades brasileiras, o que dificulta o deslocamento de pessoas, principalmente bebês, crianças e seus cuidadores. Medidas de segurança viária e renovação dos usos das ruas são necessárias para a mudança desta realidade.

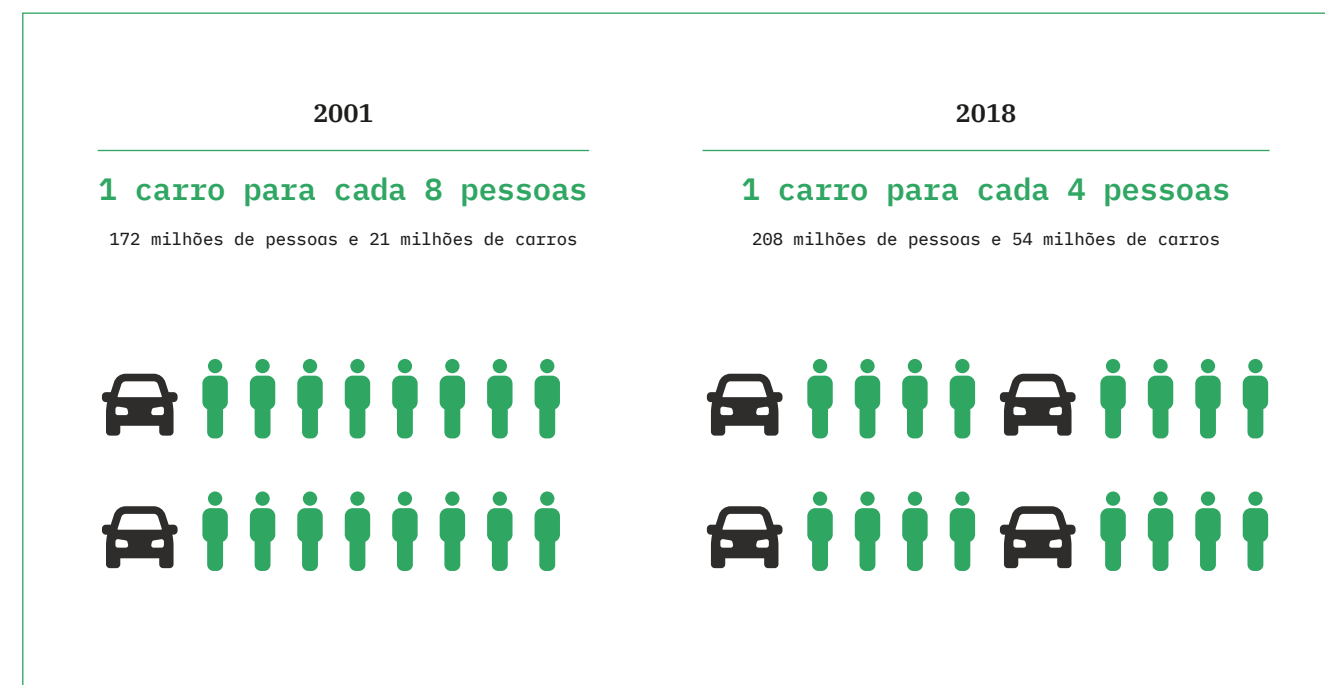


← A criança fica mais exposta ao ar poluído dos veículos graças a sua proximidade aos escapamentos (30cm de altura).

← Uma perspectiva intimidadora para a criança, enclausurada por paredes de carros.

← A presença de faixa de estacionamento contínuo ao longo da rua constitui um risco para as crianças: se, por uma distração, elas vão para o meio da rua, a fileira de veículos estacionados impede sua visão, a de seu cuidador e a do motorista que pode estar trafegando na via.

↑ Figura 19
A visão de uma criança quando caminha em um bairro que dá prioridade ao transporte individual motorizado.



↑ Figura 20
Dados com a evolução da frota de veículos particulares no Brasil mostram o aumento da relação de veículos por habitante entre 2001 e 2018 (Fonte: Denatran 2001-2018/IBGE 2001-2018).

2. OBSTÁCULOS E FALTA DE ACESSIBILIDADE UNIVERSAL

O espaço público no Brasil é invariavelmente projetado para adultos onde os bebês e crianças nos primeiros anos de vida, os portadores de necessidades especiais e os idosos têm dificuldade para se locomover.

A acessibilidade universal às ruas e espaços públicos exige minimamente que as calçadas, rampas e acessos estejam livres, sinalizados e desobstruídos para que também consigam dar suporte a cadeiras de rodas e carrinhos de bebê. Elementos constituintes do meio-fio, como guias e rampas, devem apresentar inclinações e alturas adequadas para o caminhar contínuo das crianças mais novas.

A norma brasileira de acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos, a NBR-9050¹⁹, trata destas questões no contexto nacional.



↑ Figura 21
A presença de muretas e de gradis limita a circulação das crianças nos espaços livres abertos, dificultando a experiência do brincar e a possibilidade de utilizar o parque como um caminho divertido até o destino do pedestre. Muretas altas, acima do nível dos olhos das crianças, também impedem a visibilidade do parque.



← Figura 22
As rampas e degraus executados na calçada estão em desconformidade com as normas construtivas, dificultando a caminhada de qualquer indivíduo e tornando a caminhada com crianças mais novas um desafio. Cuidadores com carrinhos de bebê ou cadeirantes precisam utilizar o leito das vias para se deslocar nessas situações, colocando-se em perigo.

↪ “As cidades que possuem redes viárias e espaços públicos universalmente acessíveis podem melhorar a mobilidade de todos, independentemente da capacidade física ou da idade – mulheres grávidas, pais caminhando com crianças mais novas, famílias caminhando com carrinhos de bebê, carregando crianças nos primeiros anos de vida.”

Status of children in urban India, Baseline study (2016)

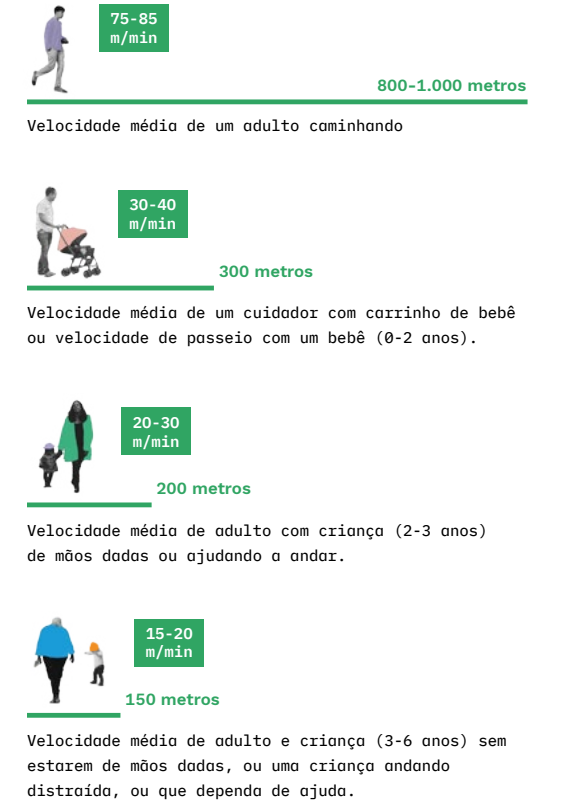
3. ACESSO LIMITADO AOS EQUIPAMENTOS E INSTALAÇÕES PÚBLICAS

Nos bairros das cidades brasileiras, há uma distribuição desigual de equipamentos urbanos, serviços e outros equipamentos públicos como parques, praças e espaços livres e de lazer. Essas distorções entre a oferta e a demanda provêm de relações históricas do desenvolvimento urbano e das dinâmicas de crescimento e consolidação dos bairros e seus papéis nas cidades.

Além disso, o acesso aos serviços existentes não reconhece a necessidade de proximidade para o deslocamento dos cuidadores com as crianças mais novas, como bebês no colo e em carrinhos de bebê. As famílias com crianças na primeira infância andam mais lentamente (seja porque as crianças são pequenas ou porque estão olhando para tudo), por isso seu raio de alcance caminhando é muito menor. É mais difícil para os cuidadores andar de bicicleta ou usar transporte público enquanto fazem malabarismos com crianças e mochilas. Idealmente, este grupo deveria ser capaz de caminhar até onde precisa ir, por caminhos seguros, confortáveis, interessantes e próximos.

Em muitos bairros, o parque, a praça ou a escola estão além da distância confortável para a caminhada, com ou sem carrinho de bebê. Nesses casos, as atividades de brincar e de aprendizagem estarão restritas a algumas poucas oportunidades disponíveis em locais próximos à criança ou esta dependerá do carro ou de outro meio de transporte para acessá-los.

QUÃO LONGE PODEMOS CHEGAR EM 10 MINUTOS?



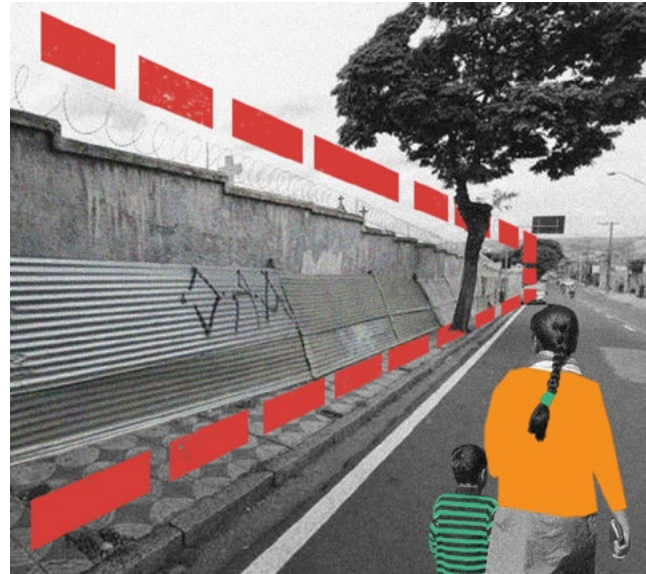
↑ Figura 23
Nota: Estimamos que crianças de 3-6 anos se movem mais lentamente que as de 2-3 anos porque sentem mais confiança em serem curiosas no mundo público.

↪ *Famílias com crianças na primeira infância caminham devagar, seja porque suas pernas são curtas, seja porque as crianças estão olhando para tudo, observando, aprendendo, fazendo conexões espaciais e sociais, e se divertindo em seu caminho.*

4. SEGURANÇA E AMEAÇA DE CRIME PESSOAL

Os crimes contra as crianças e as mulheres, suas principais cuidadoras, estão em níveis muito elevados nas cidades brasileiras. A violência contra a mulher, especificamente o feminicídio, cresceu 30,7% entre 2007 e 2017²⁰. Isso é resultado de problemas sistêmicos em nossas cidades, construídos a partir da disparidade social e econômica.

Em nossos bairros, o domínio dos automóveis fez com que as pessoas voltassem as costas para as ruas. A iluminação pública foi projetada para iluminar as ruas e o caminho dos carros, e não as calçadas. Condomínios fechados, muros altos, janelas com vidros isolantes para lidar com a poluição do ar e sonora deixaram as ruas como playgrounds dos automóveis, não das crianças. A falta de “olhos da rua” as torna inseguras para mulheres e crianças, tanto no sentido real quanto na percepção dessa insegurança. Nossos bairros planejados também são projetados em torno de usos monofuncionais, como já relatado anteriormente. Antes de os carros serem os protagonistas das cidades, os bairros eram pensados para a mobilidade a pé e caracterizados pelo uso misto, com moradia, comércio e serviço bem pertos um do outro, e não era incomum que a rua fosse o playground das crianças, vista por adultos que se reuniam em frente de casa ou em comércios locais.



↑ Figura 24

Muros muito altos e opacos tornam a rua inóspita para o caminhar dos pedestres. Se há quaisquer obstruções na calçada, restringindo a área caminhável, a sensação de insegurança é ampliada, e se esses obstáculos forçam as pessoas a utilizar o leito viário, é sinal de que adequações precisam ser realizadas com urgência, como a ampliação das calçadas.

↪ *A teoria dos “olhos da rua”, de Jane Jacobs, defende o uso de comunidades de uso misto e de alta densidade, que são áreas com usos residenciais, comerciais e de serviço que estimulam o tráfego de pedestres nas ruas em todos os horários do dia. O aumento da circulação de pessoas nas ruas, dia e noite, não apenas ajuda as comunidades a florescer social e economicamente, mas também atua como monitoramento das pessoas pelas pessoas, o que impede comportamentos potencialmente criminosos.²¹*

5. FALTA DE MANUTENÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Outro fator que leva à sensação de insegurança são as condições físicas precárias do espaço urbano, desde a qualidade da iluminação pública até o estado de conservação de calçadas e do mobiliário urbano, que demandam manutenção contínua e eficiente. Muitas calçadas, além de serem muito estreitas, são executadas de forma incorreta. A instalação da iluminação pública é muitas vezes direcionada à rua ou sombreada por copas de árvores, tornando as calçadas inadequadas para caminhar à noite.

Outra questão refere-se à limpeza urbana: a instalação de lixeiras e a coleta constante dos resíduos urbanos são fatores importantes, pois o lixo é o maior responsável pelo entupimento de bueiros, levando a alagamentos que contribuem para a deterioração de ruas e calçadas.



↑ Figura 25

Uma extensão muito grande de áreas com gradil contribui para a sensação de insegurança dos pedestres. Além de privar a livre fruição no espaço público, as poucas passagens podem dificultar os caminhos e até a atratividade que um parque ou uma praça possam ter.

6. EMBELEZAMENTO AO INVÉS DE BRINCADEIRAS

Nos bairros brasileiros, muitas vezes vemos que as crianças não têm espaço suficiente para brincar. Existe um senso comum de que o provimento de espaços urbanos para parques e praças é um desperdício de recursos, um território urbano muito caro e escasso, melhor utilizado para a implantação de mais casas ou ruas. Os parques existentes são predominantemente projetados para e frequentados por adultos e idosos, com destinações muito restritas e pontuais para a infância e seus cuidadores.

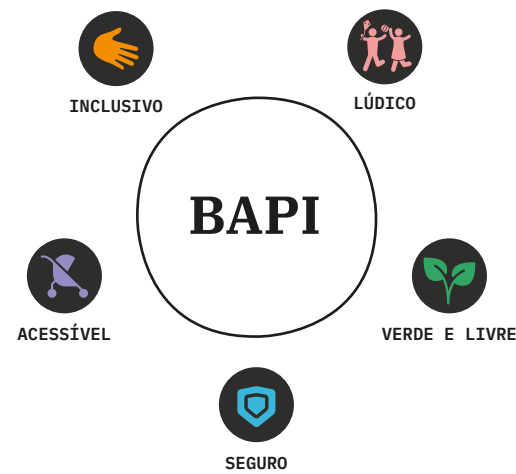
Conforme descrito anteriormente, a brincadeira, tanto espontânea quanto organizada, é essencial para o desenvolvimento das crianças mais novas. Porém, ao observarmos nossos parques e praças, e outras áreas verdes e espaços livres das cidades, fica evidente que eles não oferecem os estímulos adequados nem fomentam situações apropriadas que instiguem o brincar. Foca-se apenas em fornecer espaços bem cuidados com alguns balanços e escorregadores simbólicos. Há uma baixa ênfase em brincadeiras ao ar livre para crianças menores de seis anos devido à alta prioridade colocada sobre segurança e proteção. Como resultado, os espaços de lazer acabam sendo destinados às crianças mais velhas, com jogos de bola, por exemplo, ou terrenos abandonados. Esses espaços também tendem a ser usados com mais frequência por meninos do que por meninas. Faltam instalações para bebês, crianças e cuidadores, e até mesmo equipamentos básicos como banheiros e água, que também poderiam estar presentes em outros espaços para dar suporte à primeira infância.



↑ Figura 26
O mobiliário urbano desenhado para os parques não é atualizado há muitos anos. Seu projeto não estimula lazer ou interação social.



Figura 27 →



Considerando-se todos os desafios colocados nas seções anteriores – os obstáculos existentes em nossas cidades e seus bairros –, o que se pode considerar como um visão desejável, ideal, de BAPI?

Em um bairro ideal, bebês, crianças nos primeiros anos de vida e seus cuidadores se sentem **seguros** e encorajados com **liberdade** para correr, explorar, brincar e se envolver com seu ambiente natural e construído.

As ruas e parques do bairro devem estar protegidos dos carros e do tráfego. **Vizinhos, parentes e comerciantes conhecidos formam uma rede comunitária confiável** e geralmente se envolvem e ficam atentos à criança, aumentando a sensação de segurança. Os pais se sentem à vontade porque seus filhos estão seguros ao ar livre.

O bairro é **calmo e tranquilo**. É agradável, transbordando de **verde**. Onde não há árvores, as estruturas de **sombreamento** mantêm as paredes dos edifícios e a rua fresca em um dia quente.

Este bairro possui muitos equipamentos e serviços básicos e **bem administrados**, de fácil acesso e **distribuídos uniformemente** por todo o bairro, de modo que ninguém fique isolado deles ou por eles.

As rotas entre as casas e os principais destinos são seguras, **caminháveis**, têm sombra, bancos para descanso, são fáceis de percorrer e cheias de **emoção** e elementos **contemplativos**.

Os parques e praças são **bem conservados**, bastante utilizados, limpos e cheios de **elementos lúdicos**. Os parques são inclusivos e facilitam a interação entre as várias **gerações, gêneros e comunidades**.

Objetivos



↑ Figura 28

CINCO OBJETIVOS PARA UM BAIRRO AMIGÁVEL À PRIMEIRA INFÂNCIA (BAPI)

Um bairro pode fornecer um cenário de imaginação e aventura que nutre e prolonga a vida intuitiva e criativa das crianças.

Existem muitas qualidades que um bairro deve ter para que as crianças se desenvolvam mental e fisicamente. Isso pode ser alcançado de diferentes maneiras, com diferentes combinações de elementos. Os objetivos e os resultados desta visão fornecem uma estratégia comum a todas as cidades; as diretrizes de design fornecem as táticas.

Esses objetivos e as diretrizes de design correspondentes encontradas no guia *Diretrizes para desenho urbano* fornecerão um roteiro para o gestor urbano criar bairros saudáveis, estimulantes e desejáveis para todos, atendendo às necessidades da primeira infância.

Os cinco objetivos a seguir operam em uma interação dinâmica e não podem ser implantados à la carte, ou seja, individualmente. Um bom parquinho infantil é tão bom quanto a qualidade e a continuidade da rede viária que nos leva até lá – os dois devem funcionar em conjunto. Mas isso não quer dizer que não haja hierarquia entre os objetivos. Começando pelo objetivo básico que é a segurança, o gestor da cidade terá uma boa ideia de por onde iniciar a sua tomada de decisão.



Clique aqui para os vídeos [Young Explorers](#)



1. SEGURO

- É seguro caminhar e andar de bicicleta distraidamente
- Estruturado, demarcado
- Olhos da rua, segurança dos vizinhos
- Baixa velocidade
- Respeita a privacidade

Um bairro seguro pode ser todo percorrido a pé, com mães e cuidadores segurando e guiando crianças nos primeiros anos de vida com o mínimo de estresse proveniente da rua. Se a experiência for assustadora e frustrante, de modo que as interações sejam prejudicadas e produzam estresse, então a pessoa não estará segura.

Pode não haver indícios físicos ou perdas materiais imediatas, mas ainda assim o corpo está sendo prejudicado por esse estresse. É comum que bairros e ruas brasileiras sofram diversas intervenções com medidas de proteção e segurança, principalmente para inibir o crime. No entanto, as ameaças passivas representadas por ruas ruins afetam negativamente muito mais pessoas. Portanto, as escolhas críticas enfrentadas pelos planejadores que pensam sobre a segurança e a proteção de bebês e famílias estão pautadas na pergunta: seguros e protegidos contra o quê?

O objetivo da proteção e da segurança é redirecionar as prioridades para as questões de mobilidade. Uma rua que pode ser percorrida a pé é uma **rua lenta, com demarcação clara** para

diferentes tipos de uso. É uma via com acesso limitado ou lento de veículos, onde o pedestre tem prioridade. As ruas precisam de elementos de controle que combinem o movimento de carros e pedestres de modo seguro, sem pará-los.






É fundamental que os gestores municipais reavaliem a funcionalidade dos elementos que as ruas contêm, de acordo com as necessidades de cuidadores, bebês e crianças.

A segurança também envolve elementos que mantêm o espaço público visível, por isso é fundamental garantir uma **boa iluminação projetada para pedestres**. Sempre que possível, as ruas devem ter comércio, serviços, equipamentos e edifícios (residenciais ou não) que tenham uso ativo do andar térreo, de forma que haja muitos **olhos na rua**. Medidas inteligentes de segurança, como câmeras na esfera pública, também devem ter o cuidado de respeitar a **privacidade dos cidadãos**.





2. VERDE E LIVRE

-  Confortável e protegido das intempéries
-  Baixo nível de ruído
-  Biodiverso
-  Fontes de energia renováveis e com baixo teor de dióxido de carbono
-  Tecnologias verdes e orientadas para o futuro

Um bairro arborizado e com espaços verdes qualificados oferece proteção climática e conforto para os residentes durante o dia e noite, e em todas as estações do ano.

Para um bairro ser tranquilo, há a necessidade de fortes medidas para limitar o ruído do tráfego e da construção. As ruas são arborizadas. Isso mantém os níveis de estresse baixos. Deve ficar claro que as necessidades da primeira infância e de seus cuidadores incluem um ambiente quieto e sossegado, especialmente durante determinados horários, tanto fora quanto dentro de casa.

O bairro deve ser **biodiverso**, excelente para hospedar **plantas nativas, animais, insetos e pássaros**. O bairro deve oferecer muitas oportunidades para as crianças se envolverem com materiais naturais para brincar. É onde as crianças entram em contato pela primeira vez com seu mundo natural.

Ao planejar intervenções que priorizem a primeira infância nos bairros, identifique projetos intersetoriais, que atendam a vários objetivos simultaneamente. **A infraestrutura verde, como uma ferramenta de controle de enchentes**, por






exemplo, além de ser um elemento para gestão hídrica, se estiver limpa, sem lixo e detritos, torna-se um espaço interessante, divertido e desafiador para brincar. **O objetivo de tal bairro é adicionar funcionalidades e uma dimensão infraestrutural a espaços naturais e experiências que também podem ser lúdicas.**

Um bairro verde adota tecnologias de produção e distribuição de energia renovável. Todos os serviços e o mobiliário urbano, bem como a iluminação pública, são alimentados por energia renovável. Proprietários de casas e empresas privadas são **incentivados a mudar para energias renováveis** por meio de subsídios oferecidos aos membros atuantes e parceiros dos Bairros Amigáveis à Primeira Infância (BAPI).





4. LÚDICO

-  **Atrai a atenção sem conduzi-la**
-  **Envolve e protege de distrações**
-  **Desafiador**
-  **Comprometido com a cultura**
-  **Feito com a participação das crianças**

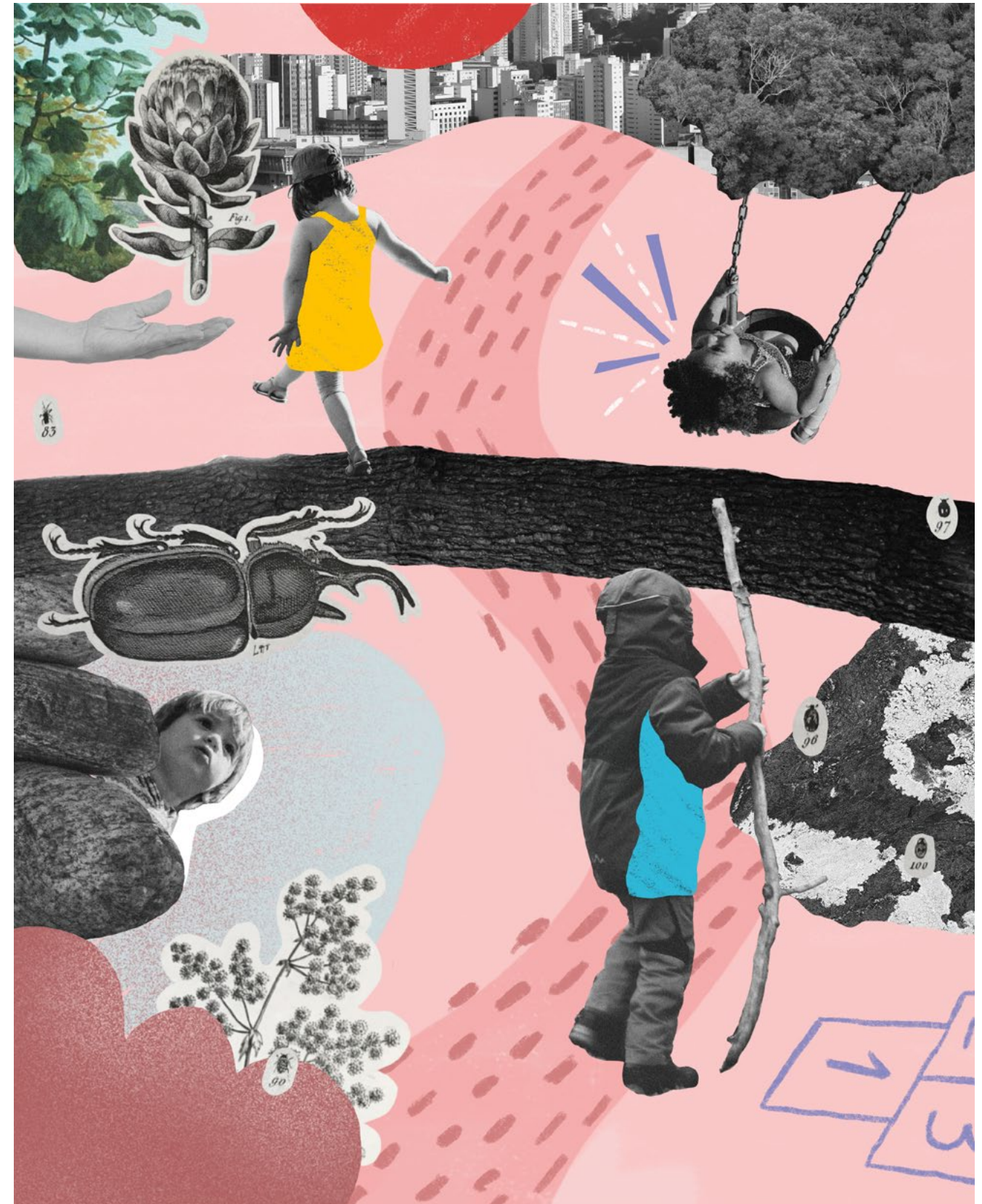
Brincar é mais do que entretenimento para as crianças, é um aprendizado físico e emocional, portanto, essencial para o bem-estar infantil. **Um bairro que deseja apoiar o desenvolvimento saudável das crianças deve ser aquele onde as crianças possam brincar em qualquer lugar** e os pais devem se sentir seguros. Em uma caminhada até a loja do bairro, por exemplo, uma criança deve encontrar maneiras seguras e estimulantes de interagir com cada esquina e recanto sem medo.

Certifique-se de que existem maneiras de acessar a natureza e as áreas verdes no bairro. Estudos mostram repetidamente que a proximidade e a interação com materiais orgânicos, como gravetos e pedras, areia e sujeira estimulam dramaticamente a criatividade, o senso de calma e o sentimento de pertencimento no mundo, muito mais do que os brinquedos. Esse tipo de **brincadeira não estruturada**, que também contrasta com a estrutura que as escolas infantis geralmente oferecem, tem muito mais probabilidade de ser desafiadora e mais útil para o desenvolvimento de crianças nos primeiros anos de vida. Em comparação, crianças

tendem a perder o interesse em equipamentos de playground estruturados, que têm usos limitados. Em parques e espaços públicos, instale **estruturas simples** que podem ser usadas como assentos e também permitem aventuras e desafios. Isso pode ser um tronco/viga ligando dois taludes ou bancos de vários níveis. Nos parques, projete muitos lugares para sentar e não necessariamente todos de frente uns para os outros.

A arte pública como brincadeira fornece a oportunidade para as crianças se envolverem com o ambiente construído. As cidades hoje são inundadas com imagens e mensagens de uma arte pública que é mais decoração e desorganiza a experiência visual. Leve a arte pública a sério. Associações de bairro ou outras instituições de pequena escala podem contratar organizações artísticas para entrar nos bairros e supervisionar a instalação sistemática de obras de arte lúdicas, imaginativas, de longa duração ou de curto prazo que melhorem a paisagem visual e tátil de um bairro para todos. Contrate artistas e escultores para fazerem instalações especificamente direcionadas a crianças nos primeiros anos de vida, que sejam lúdicas e proporcionem sombreamento.

↳ *Dê às crianças um senso de autoria (não de propriedade) sobre os espaços de jogos, que podem ser temporários ou permanentes e deixam a criança com a sensação de “eu ajudei a criar este lugar, tem uma marca minha e pertence a todos”.*²²





5. INCLUSIVO

- 👉 Ouvir e responder às necessidades dos moradores
- 👉 Implantação total das intervenções
- 👉 Transparência nos processos
- 👉 Justo para todos os que utilizam o bairro
- 👉 Objetivo, informado e baseado em dados

Em um bairro inclusivo, todas as intervenções relativas à segurança, equilíbrio verde, ludicidade e acessibilidade são aplicadas de forma equilibrada e imparcial na **totalidade espacial do bairro**. Este objetivo se concentra em levar a sua implantação a sério. Um bairro inclusivo **oferece suporte total e consistente** a todos que nele vivem. É um bairro onde **estruturas de tomada de decisão e alocação de recursos são justas e transparentes**.

Um dos aspectos mais importantes para que nossos bairros sejam justos é **garantir que os equipamentos e os espaços públicos sirvam a todos igualmente**. A criança que mora longe do parque, perto de uma rua barulhenta, ainda que no mesmo bairro, terá indicadores de desenvolvimento mais baixos do que aquela que mora na área melhor estruturada. Não existem duas ruas nem dois parques iguais. A abordagem do BAPI deve se esforçar para garantir uma qualidade uniforme em toda a zona, **o que não significa necessariamente investimentos iguais**.

Para este objetivo, a coleta e a análise inteligente de dados é fundamental para monitorar o progresso e entender onde existem lacunas.

Um bairro inclusivo usa práticas e procedimentos inteligentes para garantir a qualidade. Essas práticas são eminentemente transparentes para o público e oferecem **oportunidade de envolvimento e de retorno para avaliação**, podendo ser atualizadas quando houver necessidade de melhorias.

O bairro é o lar não apenas para os proprietários das residências e dos donos de negócios, mas também para uma variedade de funcionários, colaboradores e prestadores de serviços que também estão lá de forma permanente ou semipermanente. Essas pessoas são membros da comunidade, mesmo que não paguem aluguel ou sejam proprietárias. Frequentemente elas têm filhos que também usufruem dos bairros. Uma abordagem explícita e especial deve ser feita a este grupo para garantir que suas necessidades como usuários do bairro também sejam atendidas.



COMO A PAUTA DAS CIDADES SUSTENTÁVEIS SE RELACIONA COM O BAPI?

No século 21, as cidades devem incorporar, dentre outros elementos, a pauta do desenvolvimento sustentável, à luz dos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU e no que se refere mais especificamente ao planejamento urbano contemporâneo²³:

- Objetivo 3 - Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades.
- Objetivo 11 - Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis.

No Brasil, além das diretrizes da ONU, há várias iniciativas e programas que subsidiam os elementos das cidades sustentáveis²⁴.

As Áreas de Desenvolvimento Local (ADL) em nossas cidades, regulamentadas em termos de áreas de intervenção urbana, operações urbanas, projetos de intervenção urbana e análogos, podem conter um ou mais bairros que devem ser adaptados com a adoção de elementos das cidades sustentáveis. Há também a possibilidade de que planos específicos, distritais ou regionais, planos de bairro ou planos de urbanização de favelas possam abarcar alguns dos componentes, a fim de que esse planejamento também inclua:

- Planejamento integrado de áreas existentes e novas.
- A qualidade de vida planejada atendendo às expectativas dos moradores.

- Localidades onde se pode caminhar.
- Acessibilidade a parques, com a preservação e desenvolvimento de espaços abertos.
- Conectividade com transporte público.
- Processos amigáveis e eficazes de governança, visando à transparência e custo-benefício para os cidadãos.

O objetivo deve ser a melhoria da qualidade de vida dos habitantes, em particular no nível local. Isso é essencial ao planejar e projetar territórios para bebês, crianças nos primeiros anos de vida e suas famílias, pois são habitantes que não se deslocam com frequência – por isso, o bairro é seu domínio. O bairro representa uma paisagem cotidiana, que pode apoiar ou limitar o bem-estar físico, mental e social de crianças nos primeiros anos de vida.

A pauta das cidades sustentáveis é fundamental para melhorar a qualidade de vida dos cidadãos. Seus elementos se coordenam adequadamente com os objetivos definidos para um BAPI.

Neste sentido, o BAPI torna-se uma peça integral para as cidades sustentáveis pois:

- A abordagem sobre BCCs é uma lente unificadora para melhorias de infraestruturas sustentáveis, saudáveis, seguras e inclusivas.
- O BAPI é um programa integrado à rede de melhorias das cidades, tornando os conceitos de sustentabilidade mais significativos para as famílias.

- Os BCCs se juntam às cidades sustentáveis na tomada de decisão baseada em dados, para garantir uma distribuição justa dos investimentos em infraestrutura e ações inclusivas para beneficiar todas as famílias.
- As intervenções urbanas associadas aos BCCs podem produzir um efeito cascata no bairro, fortalecendo o impacto positivo dos projetos-piloto.

- Focar nas necessidades dos BCCs no planejamento de cidades sustentáveis faz parte das metas de sustentabilidade, inclusão, saúde e segurança.

A natureza modular do BAPI sob a Área de Desenvolvimento Local pode resultar efetivamente em um efeito multiplicador na totalidade da cidade.



Metodologia

Enquanto os objetivos definem as esferas mais amplas de aspirações, os indicadores e suas referências informam os gestores da cidade sobre exatamente o que e o quanto precisam fazer. Os indicadores e os objetivos estão alinhados para que, ao implantar um serviço de acordo com os parâmetros, uma cidade também cumpra os objetivos propostos. Para garantir uma clareza estrutural, os indicadores são categorizados dentro de cada elemento espacial de um BAPI.

ELEMENTOS DO BAPI

Bairro

Abrange os fatores organizacionais de maior escala, seu desenho urbano. Este é o processo de dar forma, configuração e caráter aos espaços urbanos que irão influenciar o ambiente construído em geral. Os indicadores categorizados aqui irão garantir, por exemplo, que a área de lazer e os equipamentos estejam ao alcance da maioria; que as áreas de lazer não estejam localizadas incorretamente perto de um cruzamento movimentado; que o bairro possa ser percorrido a pé e de bicicleta; que a rua tenha fachadas ativas e atraentes; que os espaços públicos sejam bem projetados; que haja pontos de ônibus adequados e bem localizados, e que as áreas de estacionamento sejam reguladas e não formem barreiras para os pedestres.

Ruas

São os caminhos cotidianos percorridos por crianças até os parques e os serviços urbanos locais. As diretrizes buscarão introduzir medidas para moderação e gerenciamento de tráfego (traffic calming), adequação e melhoramento da qualidade das calçadas, segurança nas ruas, implantação de rampas para portadores de necessidades especiais e carrinhos de bebê, iluminação adequada para pedestres, além de espaços de lazer informais próximos às calçadas, ruas livres de circulação veicular (permanentes ou temporárias), medidas de orientação e sinalização na altura correta para as crianças, implantação de ciclovias e cruzamentos seguros, etc.

Parques, praças e espaços abertos

São destinos verdes importantes para os BCCs. As diretrizes sob este componente irão sugerir ideias sobre manutenção, iluminação e equipamentos de lazer e recursos de segurança, áreas de lazer formais e informais para cada faixa etária, proteção climática, segurança e conforto dos cuidadores enquanto estão com bebês em parques, e assim por diante.

Infraestruturas sociais

São os elementos típicos de um bairro que são relevantes e acessados pelos BCCs. Incluem amenidades locais e instalações comunitárias, serviços de saúde e educação, compras e transporte locais e outras instalações comunitárias.

Equipamentos e serviços urbanos

Um bairro só pode funcionar bem se os serviços básicos de infraestrutura urbana forem bem mantidos e operados com eficiência pelo órgão de governança local. Esses serviços incluem água, eletricidade, resíduos, drenagem e outros fatores ambientais.



Bairros



Ruas



Parques, praças e espaços abertos



Infraestruturas sociais



Equipamentos e serviços urbanos

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Crédito: Cristiano de Jesus (licença creative commons CC BY-NC 2.0) [p. 14](#)

Figura 2 Diagrama adaptado do guia *Infant, Toddler, caregiver-friendly neighbourhood – Policy framework*, FBVL e Ministério da Habitação e Assuntos Urbanos da Índia [p. 16](#)

Figura 3 Diagrama adaptado do guia *Infant, Toddler, caregiver-friendly neighbourhood – Policy framework*, FBVL e Ministério da Habitação e Assuntos Urbanos da Índia [p. 17](#)

Figura 4 Diagrama adaptado do guia *Infant, Toddler, caregiver-friendly neighbourhood – Policy framework*, FBVL e Ministério da Habitação e Assuntos Urbanos da Índia [p. 17](#)

Figura 5 Diagrama adaptado do guia *Infant, Toddler, caregiver-friendly neighbourhood – Policy framework*, FBVL e Ministério da Habitação e Assuntos Urbanos da Índia [p. 17](#)

Figura 6 Reprodução do guia *Infant, Toddler, caregiver-friendly neighbourhood – Policy framework*, FBVL e Ministério da Habitação e Assuntos Urbanos da Índia [p. 18](#)

Figura 7 Crédito: FotoGrazio (licença creative commons CC BY-NC-ND 2.0) e Francisco Osorio (licença creative commons CC BY 2.0) [p. 19](#)

Figura 8 Gráfico produzido a partir de estudo de Pat Levitt (Centro de Desenvolvimento da Criança, Universidade de Harvard) [p. 22](#)

Figura 9 Diagrama adaptado do guia *Infant, Toddler, caregiver-friendly neighbourhood – Policy framework*, FBVL e Ministério da Habitação e Assuntos Urbanos da Índia [p. 23](#)

Figura 10 Reprodução do guia *Infant, toddler, caregiver-friendly neighbourhood – Policy framework*, FBVL e Ministério da Habitação e Assuntos Urbanos da Índia [p. 24](#)

Figura 11 Crédito: A voz de Deus (licença creative commons CC PDM 1.0) [p. 25](#)

Figura 12 Reprodução do guia *Infant, Toddler, caregiver-friendly neighbourhood – Policy framework*, FBVL e Ministério da Habitação e Assuntos Urbanos da Índia. Crédito: FBVL [p. 26](#)

Figura 13 Reprodução do guia *Infant, Toddler, caregiver-friendly neighbourhood – Policy framework*, FBVL e Ministério da Habitação e Assuntos Urbanos da Índia. Crédito: Pixabay [p. 27](#)

Figura 14 Diagrama adaptado do guia *Infant, toddler, caregiver-friendly neighbourhood – Policy framework*, FBVL e Ministério da Habitação e Assuntos Urbanos da Índia [p. 29](#)

Figura 15 Imagem de satélite, Google Earth Landsat, 2020. São Paulo, SP [p. 30](#)

Figura 16 Imagem de satélite, Google Earth Landsat, 2020. Belo Horizonte, MG [p. 31](#)

Figura 17 Diagrama adaptado do guia *Infant, Toddler, caregiver-friendly neighbourhood – Policy framework*, FBVL e Ministério da Habitação e Assuntos Urbanos da Índia [p. 33](#)

Figura 18 Crédito: Katarzyna Bialasiewicz [p. 34](#)

Figura 19 Colagem sobre montagem fotográfica. Coletivo Oitentaedois. São Paulo, 2020 [p. 35](#)

Figura 20 Gráfico elaborado a partir dos dados: Denatran 2001-2018/IBGE 2001-2018 [p. 35](#)

Figura 21 Colagem sobre montagem fotográfica. Coletivo Oitentaedois. São Paulo, 2020 [p. 36](#)

Figura 22 Colagem sobre montagem fotográfica. Coletivo Oitentaedois. São Paulo, 2020 [p. 36](#)

Figura 23 Gráfico elaborado sobre dados de deslocamento de pedestres [p. 37](#)

Figura 24 Colagem sobre montagem fotográfica. Coletivo Oitentaedois. São Paulo, 2020 [p. 38](#)

Figura 25 Colagem sobre montagem fotográfica. Coletivo Oitentaedois. São Paulo, 2020 [p. 39](#)

Figura 26 Colagem sobre montagem fotográfica. Coletivo Oitentaedois. São Paulo, 2020 [p. 40](#)

Figura 27 Crédito: Francisco Osorio (licença creative commons CC BY 2.0) [p. 40](#)

Figura 28 Reprodução do guia *Infant, Toddler, caregiver-friendly neighbourhood – Policy framework*, FBVL e Ministério da Habitação e Assuntos Urbanos da Índia. Crédito: Yohoprashant/Pixabay [p. 43](#)

NOTAS

01 Perera, F. et al. Early-life exposure to polycyclic aromatic hydrocarbons and adhd behavior problems. *PLoS ONE* 9(11):e111670 <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0111670> Para mais detalhes, ver: www.thelancet.com/commissions/pollution-and-health [p. 16](#)

02 Convenção da Unicef sobre os direitos da criança: www.unicef.org/crc/files/Rights_overview.pdf [p. 16](#)

03 A ligação entre saúde pública e planejamento urbano permanece tênue na maioria dos lugares. Há em São Paulo o Grupo Espaço Urbano e Saúde, do IEA-USP, e o livro de Paulo Saldiva, *Vida urbana e saúde* (2016). [p. 16](#)

04 População total estimada em 2020 pelo IBGE e demais dados demográficos Censo 2010 do IBGE (<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/panorama>) [p. 16](#) e Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA, 2020) [p. 21](#)

05 Atlas da Violência 2019. Fórum Brasileiro de Segurança Pública e Ipea (2019) [p. 24](#)

06 National Scientific Council on the Developing Child (2005/2014). Excessive stress disrupts the architecture of the developing brain: working paper 3. Updated edition. Disponível em: https://developingchild.harvard.edu/wp-content/uploads/2005/05/Stress_Disrupts_Architecture_Developing_Brain-1.pdf [p. 24](#)

07 Para mais detalhes, ver: www.developingchild.harvard.edu [p. 25](#)

08 Martyn, P.; Brymer, E. The relationship between nature relatedness and anxiety. *Journal of health psychology*, 21(7), 1436– 1445. 2016. <https://doi.org/10.1177/1359105314555169> [p. 26](#)

09 Nancy M. A buffer of life stress among rural children. *Environment and behaviour*. 2003. <https://doi.org/10.1177/0013916503035003001> [p. 26](#)

10 Barton, J.; Jules, P. What is the best dose of nature and green exercise for improving mental health? A multi-study analysis. *Environmental science & technology*, 2010, 44 (10), 3947-3955, doi: 10.1021/es903183r [p. 26](#)

11 Para mais detalhes, ver: www.naeyc.org/resources/pubs/yc/jul2017/outdoor-play-child-development [p. 26](#)

12 Para mais detalhes, ver: <http://pediatrics.aappublications.org/content/129/2/265> [p. 26](#)

13 Estudos que relacionam espaços verdes e saúde demonstraram evidências fortes de que há benefícios para a saúde mental e para a redução do estresse, em comparação com outros caminhos possíveis (revisado por de Vries, 2010; Gascon et al., 2015) [p. 27](#)

14 Healthy active by design, Heart Foundation (2017). www.healthyactivebydesign.com.au/images/uploads/Green_Spaces_Evidence_Review_-_FINAL_website.pdf [p. 29](#)

15 Eric Feldman (2015). <http://planplaceblog.com/2015/01/20/child-friendly-cities/> [p. 29](#)

16 Para mais detalhes, ver: www.placemakers.com/2014/11/13/berliner-kinder-berlin-and-its-playborhoods [p. 29](#)

17 SmartCode 9.2 – Center for Applied Transect Studies (2013) [p. 29](#)

18 Para mais detalhes, ver: Pacto pelas cidades justas <https://www.cidadesjustas.org.br/> [p. 31](#)

19 NBR9050 – Norma brasileira de acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos, produzida pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que garante padrões mínimos de acessibilidade universal e deve ser aplicada em toda intervenção de utilização para o público. [p. 36](#)

20 Atlas da Violência 2019. Fórum Brasileiro de Segurança Pública e Ipea (2019), p. 35. Disponível em: www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf [p. 38](#)

21 A teoria dos olhos da rua pode ser vista no livro *Morte e vida de grandes cidades*, de Jane Jacobs. [p. 38](#)

22 Para mais detalhes, ver: www.psychologytoday.com/us/blog/freedom-learn/201404/risky-play-why-children-love-it-and-need-it [p. 50](#)

23 Para mais detalhes, ver: <https://nacoesunidas.org/conheca-os-novos-17-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-da-onu> [p. 54](#)

24 Ver Programa Cidades Sustentáveis, desenvolvido em parceria pela Rede Nossa São Paulo, Rede Social Brasileira por Cidades Justas e Sustentáveis e Instituto Ethos (www.nossasaopaulo.org.br/programa-cidades-sustentaveis), WRI Brasil Cidades Sustentáveis (<https://wricidades.org>) e as referências do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento): BID Cidades Sostenibles (<https://blogs.iadb.org/ciudades-sostenibles/es/>). [p. 54](#)

REFERÊNCIAS

8 80 CITIES; URBAN 95; FUNDAÇÃO BERNARD VAN LEER.

Building Better Cities with Young Children and Families: How to engage our youngest citizens and families in city building. Fundação Bernard van Leer. [S.L.], p. 64. 2017.

ANDERSON-MCNAMEE, J. K.; BAILEY, S. J. **The Importance of Play in Early Childhood Development.** Montana: Montana State University. [S.L.]. 2010.

ARUP. **Cities Alive: Designing for Urban Childhoods.** Londres, p. 72. 2017.

BARROZO, L. V.; FAJERSZTAJN, L. Grupo de Estudos Espaço Urbano e Saúde. **Instituto de Estudos Avançados-IEA/ Universidade de São Paulo-USP**, 2016. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/pesquisa/grupos-de-estudo/grupo-de-estudos-espaco-urbano-e-saude>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

BARTER, P. **On-Street Parking Management: An International Toolkit.** BO Landscape Architecture. [S.L.]. 2016.

BARTON, H. et al. **The Routledge Handbook of Planning for Health and Well-Being - Shaping a sustainable and healthy future.** 1ª. ed. [S.L.]: Routledge-Taylor & Francis, v. ISBN 9781138049079, 2017.

BID-BANCO INTERAMERICANO DE DESENVOLVIMENTO. BID **Ciudades Sostenibles.** Disponível em: <<https://blogs.iadb.org/ciudades-sostenibles/es/>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

CHRISTOPHER KOST (ITDP), M. N. **Better streets, better cities.** ITDP. [S.L.]. 2011.

COLLEGE OF DESIGN - NORTH CAROLINA ESTATE UNIVERSITY. **Benefits of Connecting Children with Nature.** Natural Learning Initiative-NLI. [S.L.]. 2012.

DENATRAN. **Estatísticas - Frota de Veículos por tipo e unidades da federação 2001 a 2018.** Departamento Nacional de Trânsito. [S.L.]. 2001 a 2018.

DEPARTMENT FOR TRANSPORT; GEHL ARCHITECTS. **Home Zones - Challenging the future of our streets.** A Metropolis for People. Copenhagen. 2009.

DEPARTMENT OF TRANSPORT; THE WELSH OFFICE; THE SCOT-TISH OFFICE; THE DEPARTMENT OF THE ENVIRONMENT FOR NORTHERN IRELAND. **The Design of Pedestrian Crossings.** 3ª - 2005. ed. Londres: Department for Transport, 1995. ISBN 0115516263. Disponível em: <https://assets.publishing.service.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/330214/ltn-2-95_pedestrian-crossings.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2020.

FUNDAÇÃO BERNARD VAN LEER. **An Urban 95 starter kit ideas for Action.** ArchDaily, 2008. Disponível em: <<https://www.archdaily.com/802993/tapis-rouge-emergent-vernacular-architecture>>. Acesso em: 01 ago. 2020.

FUNDAÇÃO BERNARD VAN LEER; GEHL. **Toolkit.** Fundação Bernard van Leer. [S.L.]. 2018.

GEHL INSTITUTE; GEHL; URBAN 95; FUNDAÇÃO BERNARD VAN LEER. **Space to Grow - Ten principles that support happy, healthy families in a playful, friendly city.** Fundação Bernard van Leer. [S.L.]. 2018.

GINSBURG, K. R. The Importance of Play in Promoting Healthy Child Development and Maintaining Strong Parent-Child Bonds. **American Academy of Pediatrics**, Elk Grove Village, 06 Abril 2007. 182-191. Disponível em: <<https://pediatrics.aappublications.org/content/119/1/182/tab-article-info>>. Acesso em: 08 ago. 2020.

GOLDSTEIN, J. **Play in Children's Development, Health and Well-being.** TIE-Toy Idunstries of Europe. Bruxelas. 2012.

IBGE. **Projeções da população: Brasil e unidades da federação - Revisão 2001 a 2020.** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [S.L.]. 2001 a 2020.

IBGE. **População no último censo: IBGE, Censo Demográfico 2010.** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro. 2019

IDTP. **Guidelines for Pedestrian Facilities.** [S.L.]: [s.n.]. 2012.

INSTITUTE OF HIGHWAY INCORPORATED ENGINEERS. **Home Zone Design.** Institute of Highway Incorporated Engineers. [S.L.]. 2002. (0954287509).

IPEA-INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Atlas da Violência 2019.** IPEA; FBSP. Brasília; Rio de Janeiro; São Paulo, p. 35. 2019. (978-85-67450-14-X).

JACOBS, J. **Morte e Vida de Grandes Cidades.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2000.

JONES, C. V. **Urban 95 - Designing cities to support healthy child Development.** Fundação Bernard van Leer. Nova Delhi. 2017.

KARSSENBERG, H. . L. J. . G. M.; HOFF, M. V. **The City at Eye Level.** Delft: Eburron Academic Publishers, 2016. ISBN 978-90-5972-999-5. Disponível em: <https://thecityateyelevel.files.wordpress.com/2016/02/ebook_the-city-at-eye-level_english.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2020.

KRIHNAMURTHY, S.; STEENHUIS, C.; REIJNDERS, D. **Mix & Match - Tools to design urban play.** Fundação Bernard van Leer. [S.L.]. 2018. (978-90-386-4496-7).

KRISHNAMURTHY, S.; CHRIS STEENHUIS, D. R.; STAV, T. **Child-friendly urban design - Observations on public space from Eindhoven (NL) and Jerusalem (IL).** Fundação Bernard van Leer. [S.L.]. 2018. (978-90-386-4495-0).

LARUSDOTTIR, A. R.; DEDERICH, A. **Evacuation Dynamics of Children - Walking speeds, flow through doors in daycare centers.** Proceedings of the Fifth International Conference on Pedestrian and Evacuation Dynamics. Gaithersburg: [s.n.]. 2010.

LINBERG, A.; LEHRL, S.; WEINERT, S. **The Early Years Home Learning Environment - Associations With Parent-Child-Course Attendance and Children's Vocabulary at Age 3.** Frontiers in Psychology, 11, 30 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2020.01425/full>>. Acesso em: 09 ago. 2020.

NATIONAL ASSOCIATION OF CITY TRANSPORTATION OFFICIALS-NACTO. **Urban Street Design Guide.** Nova Iorque: [s.n.], 2013. ISBN 9781610915342. Disponível em: <<https://islandpress.org/books/urban-street-design-guide>>.

NATIONAL ASSOCIATION OF CITY TRANSPORTATION OFFICIALS-NACTO. **Global Street Design Guide.** [S.L.]: Island Press, 2016. ISBN 9781610917018. Disponível em: <<https://nacto.org/2016/10/13/nacto-global-designing-cities-initiative-release-global-street-design-guide/>>.

NATIONAL INSTITUTE OF URBAN AFFAIRS; FUNDAÇÃO BERNARD VAN LEER. **STATUS OF CHILDREN IN URBAN INDIA-BASELINE STUDY.** Nova Delhi: [s.n.], 2016.

NATIONAL SCIENTIFIC COUNCIL ON THE DEVELOPING CHILD. Excessive Stress Disrupts the Architecture of the Developing Brain. **National Scientific Council on the Developing Child - Working Paper 3**, Cambridge, 2014. Disponível em: <https://developingchild.harvard.edu/wp-content/uploads/2005/05/Stress_Disrupts_Architecture_Developing_Brain-1.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2020.

NEIGHBORHOOD STREETS PROJECTS STAKEHOLDERS. **Neighborhood Street Design Guidelines - An Oregon Guide for Reducing Street Widths.** National Association of City Transportation Officials-NACTO. [S.L.]. 2000.

O. DIARY. Smart Park Art Work: Kids and community members join artists to create murals at Smart Park. **OrissaDiary**, 2018. Disponível em: <<http://orissadiary.com/smart-park-art-work-kids-community-members-join-artists-create-murals-smart-park/>>. Acesso em: 04 ago. 2020.

ONU-ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. 17 Objetivos para Transformar Nosso Mundo. **Nações Unidas Brasil**, 2015. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

ONU-UFNPA. **Fundo de População das Nações Unidas.** Disponível em: <<https://www.unfpa.org/data/demographic-dividend#0>> . Acesso em:12 ago. 2020.

REDE NOSSA SÃO PAULO. Programa Cidades Sustentáveis. **Rede Nossa São Paulo.** Disponível em: <<https://www.nossasao-paulo.org.br/programa-cidades-sustentaveis/>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

REDE NOSSA SÃO PAULO; REDE SOCIAL BRASILEIRA POR CIDADES JUSTAS; INSTITUTO ETHOS. Cidades Sustentáveis. **Programa Cidade Sustentáveis.** Disponível em: <[\[cidadessustentaveis.org.br/institucional/pagina/pcs\]\(https://www.cidadessustentaveis.org.br/institucional/pagina/pcs\)>. Acesso em: 12 ago. 2020.](https://www.</p></div><div data-bbox=)

ROSENBERG, L. H. Landezine, 2018. Disponível em: <<http://www.landezine.com/index.php/2018/04/circling-the-avenue-by-bo/>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

SALDIVA, P. **Vida Urbana e Saúde:** Os desafios dos habitantes das metrópoles. São Paulo: Contexto, 2018.

SAN FRANCISCO PLANNING DEPARTMENT. **Guide to the San Francisco: Better Streets Plan.** São Francisco. 2010.

SHITRIT, L. E. B. et al. **Dense neighborhoods friendly to toddlers in Israel.** Fundação Bernard van Leer. [S.L.]. 2018.

SHONKOFF, J. P.; PHILLIPS, D. A. **From Neurons to Neighborhoods:** The Science of Early Childhood Development, Washington, D.C. Committee on Integrating the Science of Early Childhood Development; National Research Council and Institute of Medicine. Washington, D.C: National Academy Press. 2000.

SMITH, F. et al. **How dashboards can help cities improve early childhood development.** Open Data Institute; Fundação Bernard van Leer. Londres. 2017.

SOSA, R. S.; BRICEÑO, R. M. **Urban Amenities/ Sports Lot.** ArchDaily, 2008. Disponível em: <<https://www.archdaily.com/906506/urban-amenities-sports-lot-ricardo-sanz-sosa-and-rodrigo-marin-briceno/>>. Acesso em: 01 ago. 2020.

THOMPSON, C. W. et al. **Urban Green Spaces and Health.** Organização Mundial da Saúde (OMS)-Escritório Regional para a Europa. Copenhagen. 2016.

TOWN AND COUNTRY PLANNING ORGANISATION. **Urban Greening Guidelines.** Ministry of Urban Development. [S.L.]. 2014.

TRANSPORT STRATEGY SERVICE, DEVELOPMENT & ENTERPRISE. **Home Zone Design Guide for Gateshead.** Gateshead Council. Gateshead. 2005.

UNICEF. **Child Friendly Cities and Communities handbook.** United Nations International Children's Emergency Fund-UNICEF. [S.L.]. 2018.

UNICEF. **Shaping urbanization for children - A handbook on child-responsive urban planning.** United Nations International Children's Emergency Fund-UNICEF. Nova Iorque. 2018.

WRI-WORLD RESOURCES INSTITUTE. WRI Brasil. **WRI Brasil.** Disponível em: <<https://wribrasil.org.br/pt>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

FICHA TÉCNICA

Instituto de Arquitetos do Brasil, Direção Nacional (IAB/DN)

Maria Elisa Baptista (MG) – *Presidente Nacional*

Rafael Pavan dos Passos (RS) – *Vice-Presidente Nacional*

Cláudio Listher Bahia (MG) – *Secretário Geral*

Rosilene Guedes Souza (MG) – *Diretora Administrativo-Financeiro*

Luiz Eduardo Sarmiento Araújo (DF) – *Diretor Cultural*

Fernando Túlio Salva Rocha Franco (SP) – *Vice-Presidente Extraordinário de Relações Institucionais*

Luíza Rego Dias Coelho (DF) – *Vice-Presidente Extraordinária de Ações Afirmativas*

Laís Petra Lobato Martins (DF) – *Vice-Presidente Região Centro-Oeste*

Carla de Azevedo Veras (MA) – *Vice-Presidente Região Nordeste*

Marcelo Borborema (AM) – *Vice-Presidente Região Norte*

Marcela Marques Abla (RJ) – *Vice-Presidente Região Sudeste*

Tânia Nunes Galvão Verri (PR) – *Vice-Presidente Região Sul*

Nivaldo Vieira de Andrade Junior (BA) – *Vice-Presidente de Relações UIA 2021 Rio*

Conselho Fiscal – Titulares

Maria da Conceição Alves de Guimaraens (RJ)

Solange Araujo de Carvalho (BA)

Odilo Almeida Filho (CE)

Conselho Fiscal – Suplentes

Aida Paula Pontes de Aquino (PB)

Claudia Cristina Taborda Dudeque (PR)

Rael Belli (SC)

Comissão Especial do Conselho Superior do IAB para acompanhamento do Projeto IAB / FBvL / Urban95

Graciete Guerra da Costa – *Conselheira Superior do Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento de Roraima – IAB/RR*

Fernando Túlio Salva Rocha Franco – *Presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento de São Paulo – IAB/SP*

Renata Dantas Rosário Sachs – *Presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento de Sergipe – IAB/SE*

Equipe do IAB Nacional para acompanhamento do Projeto IAB / FBvL / Urban95

Maria Elisa Baptista – *Presidente do IAB*

Luiz Eduardo Sarmiento – *Diretor Cultural do IAB*

Rômulo Alves Sales – *Secretário do IAB*

Fundação Bernard van Leer (FBvL)

Claudia de Freitas Vidigal – *Representante da FBvL no Brasil*

Thais Sanches Cardoso – *Gestora de Programas da FBvL no Brasil*

Coordenação do Projeto IAB / FBvL / Urban95

Gustavo Partezani Rodrigues – *Coordenador Geral*

Pedro Freire de Oliveira Rossi – *Coordenador Técnico*

Flávia Cristina Bassan Saldanha – *Representante Local da Coordenação do Projeto em Aracaju*

Viviane Luise de Jesus Almeida – *Estagiária de Arquitetura e Urbanismo*

Emerson Fioravante – *Secretário*

Tradução e adaptação – Stuchi & Leite Projetos e Consultoria

Carlos Leite – *Coordenador*

Fabiana Terenzi Stuchi

Fernanda Abreu Moreira

Maria do Rocio Rosario

Tales Eduardo Ferretti

Tratamento e edição dos textos – Pistache Editorial

Bianca Antunes – *Jornalista*

Design Gráfico – Coletivo Oitentaedois

Bruno Kim – *Coordenador*

Douglas Higa

Julia Vannucchi

Agradecimentos

Maria Madalena Silva Gusen – *secretária sênior do Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento do Rio Grande do Sul – IAB/RS*

**BAIRROS
AMIGÁVEIS
À PRIMEIRA
INFÂNCIA**



Esta obra está sob uma licença **Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Sem-Derivações 4.0 Internacional** (CC BY-NC-ND 4.0). Pode ser reproduzida com atribuição ao IAB – Instituto de Arquitetos do Brasil e FBvL – Fundação Bernard van Leer e para qualquer finalidade não comercial. Nenhum trabalho derivado é permitido.